



ESTADO DE ALAGOAS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DE ALAGOAS –
CLIND/AL
ÁREA DE LETRAS

ELMA PATRICIA LIMA

MINHA FALA NÃO TEM GRAÇA, TEM EXPLICAÇÃO: UM ESTUDO DA
VARIEDADE LINGUÍSTICA DO POVO KATOKINN

Pariconha – AL

2025



ESTADO DE ALAGOAS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DE ALAGOAS –
CLIND/AL
ÁREA DE LETRAS

ELMA PATRICIA LIMA

MINHA FALA NÃO TEM GRAÇA, TEM EXPLICAÇÃO: UM ESTUDO DA
VARIEDADE LINGUÍSTICA DO POVO KATOKINN

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) como requisito para obtenção de diploma de graduação em Letras – Língua portuguesa e suas literaturas, no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas (CLIND-AL).

Orientador: John Hélio Porangaba de Oliveira

Pariconha – AL

2025



BANCA DE AVALIAÇÃO

MINHA FALA NÃO TEM GRAÇA, TEM EXPLICAÇÃO: UM ESTUDO DA VARIEDADE LINGUÍSTICA DO POVO KATOKINN

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) como requisito para obtenção de diploma de graduação em Letras – Língua portuguesa e suas literaturas, no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas (CLIND-AL).

ELMA PATRICIA LIMA

APROVADA EM: 30 de março de 2025

Prof. Dr. John Hélio Porangaba de Oliveira
Orientador

Profa. Dra. Iraci Nobre da Silva
Membro da banca

Prof. Me. Arenato da Silva Santos
Membro da banca

Pariconha – AL
2025



FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado, primeiramente, à minha comunidade Katokinn, que me inspirou profundamente e da qual tenho imenso orgulho de fazer parte.

Dedico também aos meus filhos, que são minha maior motivação e a razão por trás de cada passo que dou, sempre buscando o melhor para eles. Ao meu marido, que esteve ao meu lado, me apoiando e me fortalecendo para que eu jamais desistisse. À minha mãe, que, mesmo diante da minha ausência em muitos momentos, sempre compreendeu e me ensinou valores e princípios que levo para a vida.

E, por fim, dedico a mim mesma, por ter encontrado forças onde nem imaginava e por ter persistido até a conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, expresso minha profunda gratidão ao CLIND e a todos os professores que, com dedicação e empenho, se dispuseram a viajar grandes distâncias e abriram mão de seus finais de semana para tornar possíveis tantos sonhos, incluindo o meu.

Agradeço especialmente ao meu professor orientador, John Hélio Porangaba de Oliveira, por sua constante disponibilidade e apoio ao longo desta jornada. Sua orientação foi essencial para a conclusão deste trabalho, e suas palavras de incentivo foram fundamentais para que eu seguisse em frente.

Manifesto minha sincera gratidão à professora Gisely Martins e à professora e coordenadora do CLIND, Iraci Nobre, por sempre acreditarem em mim, mesmo nos momentos em que eu mesma duvidava. Seus conselhos e incentivos para nunca desistir foram valiosos. Agradeço também a José Adelson, por sua amabilidade e paciência com todos.

Sou imensamente grata às mulheres da comunidade que gentilmente concederam suas entrevistas, contribuindo significativamente para esta pesquisa. Agradeço ainda ao meu colega de sala, João, por sua boa vontade e disposição em me ajudar sempre que precisei.

Não poderia deixar de expressar meu carinho e reconhecimento à minha comadre, "Nega", que esteve ao meu lado em todas as etapas desta jornada, ajudando-me tanto em casa quanto nos momentos mais desafiadores da pesquisa e escrita do TCC.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta caminhada acadêmica. Cada um, à sua maneira, contribuiu para minha formação e crescimento, nos momentos bons e difíceis. Minha gratidão é imensa!

EPÍGRAFE

A “atitude linguística no Brasil” é um mito: em nosso país, além das línguas indígenas e das línguas trazidas pelos imigrantes, fala-se diferentes variedades da língua portuguesa, cada uma delas com características próprias, com diferença em seu status social, mas todas com uma lógica linguística facilmente demonstrável.

(Bago, 2017).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso explora a variedade linguística do povo Katokinn, a minha comunidade indígena situada no sertão alagoano, que destacando sua linguagem como uma expressão de identidade cultural e resistência social. O objetivo geral da pesquisa de fazer um breve levantamento da diversidade linguística encontrada exclusivamente na comunidade Katokinn, tendo como foco as particularidades das maneiras de falar no ambiente familiar, de encontros ritualísticos de nossa cultura indígena e momentos com amigos. A metodologia adotada é a autoetnografia, permitindo uma análise a partir das experiências pessoais da pesquisadora, que também é membro da comunidade. Foram realizadas observações participantes e entrevistas semiestruturadas com quatro mulheres de diferentes idades e níveis de escolaridade, utilizando imagens para estimular a expressão linguística situacional de modo livre. Os resultados desta pesquisa revelam que as variações linguísticas do povo Katokinn são amplamente influenciadas por experiências sociais e culturais compartilhadas. Termos como “cuia” para tigela e “dicuri” para coco pequeno refletem adaptações linguísticas que são parte integral da identidade cultural da comunidade. A pesquisa também destaca os desafios enfrentados pelo povo Katokinn em preservar sua linguagem frente a influências externas e preconceitos linguísticos. Para concluir, enfatizamos a importância de respeitar e valorizar a diversidade linguística, reconhecendo seu papel crucial na preservação da cultura e identidade, bem como realidade das situações informais.

Palavras-chave: variação linguística; identidade cultural; preconceito linguístico; autoetnografia; resistência cultural.

ABSTRACT

This study explores the linguistic variety of the Katokinn people, my indigenous community located in the Alagoas backlands, highlighting their language as an expression of cultural identity and social resistance. The primary objective of the research is to conduct a brief survey of the linguistic diversity found exclusively within the Katokinn community, focusing on the peculiarities of their speech in family settings, ritualistic gatherings of their indigenous culture, and moments with friends. The adopted methodology is autoethnography, allowing analysis from the personal experiences of the researcher, who is also a member of the community. Participant observations and semi-structured interviews were conducted with four women of different ages and educational levels, using images to freely stimulate situational linguistic expression. The results of this research reveal that the linguistic variations of the Katokinn people are largely influenced by shared social and cultural experiences. Terms such as “cuia” for bowl and “dicuri” for small coconut reflect linguistic adaptations that are integral to the community’s cultural identity. The study also highlights the challenges faced by the Katokinn people in preserving their language against external influences and linguistic prejudices. In conclusion, it emphasizes the importance of respecting and valuing linguistic diversity, recognizing its crucial role in preserving culture and identity, as well as the reality of informal situations.

Keywords: linguistic variation; cultural identity; linguistic prejudice; autoethnography; cultural resistance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 Preconceito linguístico: diferente, mas não errado.....	13
2.1 Sociolinguística: diferentes valores comunicativos e situações no mesmo lugar ...	16
2.3 Da etnolinguística para a sociolinguística de contato	17
2.3.1 Autoetnografia: minha experiência também se explica como pesquisa.....	18
3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	21
3.1. Procedimentos de coleta	22
3.2. Análise e discussão dos dados	22
3.2. Papel da pesquisadora: o eu autoetnográfica.....	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA	25
4.1 Descrição contexto social do povo Katokinn com base nas descrições do google ..	25
4.2 Os dados das entrevistas.....	26
4.3 Resultados da coleta de dados em momentos familiar, ritualísticos e com amigos	37
4.3.1 Interpretação dos dados coletados em momentos em família.....	37
4.3.2 Interpretação dos dados coletados em momentos culturais na comunidade	39
4.3.3 Interpretação dos dados coletados em momentos com amigos na comunidade	40
4.4 Interpretação integrada e compreensão dos dados.....	42
5 APRESENTAÇÃO DE UM PLANO DE ATIVIDADE DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	48

1 INTRODUÇÃO

A língua que falamos é parte importante de quem somos. No povo Katokinn, essa maneira de falar mostra nossa cultura e como vivemos e mudamos com o tempo. As palavras e expressões que usamos contam a história da nossa comunidade e mostram como nos adaptamos às mudanças ao nosso redor. Falar sobre isso é importante porque ajuda a entender melhor como a nossa linguagem funciona no dia a dia.

Nos situamos na ideia de que a diversidade linguística é um aspecto essencial da identidade cultural e social de comunidades ao redor do mundo. No caso do meu povo indígena Katokinn, essa diversidade linguística não apenas reflete suas tradições e adaptações históricas, mas também as complexas dinâmicas sociais internas. Estudos sobre variação linguística têm destacado a importância de compreender essas manifestações como expressões autênticas da identidade de um povo, desafiando a noção de uma língua padrão que frequentemente marginaliza formas de fala não convencionais (Feltes, 2018).

Mesmo com toda essa riqueza de variedade linguística que é um resultado de adaptação cultural, ainda há muito que as pessoas não sabem sobre como falamos e por que falamos assim. Muitas vezes, nossa maneira de falar é vista de forma errada, como se fosse menos importante. Ao ler Bagno (2015; 2017) e Feltes (2018), eu vi que ainda não existe um bom entendimento quanto à compreensão detalhada de como essas variedades se manifestam e são utilizadas em diferentes contextos sociais da comunidade do povo Katokinn, seja na vivência familiar, ou nos nossos encontros de estudo na sala de aula do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena CLIND/UNEAL, ou nos encontros e festejos de nossa cultura quando nos encontramos e a nossa maneira de falar é mais simples e expressamos o modo de falar com um léxico variado, mas entendido por nós.

A falta de entendimento da nossa maneira de falar impede uma compreensão mais completa das dinâmicas linguísticas internas de nossa comunidade. Impede a interpretação de que a linguagem tem suas implicações sociais, que são resultados de suas lutas e vivências de interação comum, simples. No sistema de educação linguística, perpassado por ideias de padronização da língua portuguesa, ainda temos a presença do preconceito linguístico – enfrentado por falantes Katokinn em sua variedade não padronizada – quando sai do contexto local da nossa comunidade. Isso acontece porque as pessoas não entendem que cada jeito de falar tem seu valor e significado. Então, como pesquisadora, eu levanto as questões sobre: Quais são as características e fatores que influenciam a variedade linguística do povo Katokinn? Quais são suas funções e significados sociais da maneira de falar de nosso povo?

Diante disso, este estudo tem o objetivo de fazer um breve levantamento da diversidade linguística encontrada exclusivamente na comunidade Katokinn, tendo como foco as particularidades das maneiras de falar no ambiente familiar, de encontros ritualísticos de nossa cultura indígena e momentos com amigos. Especificamente, procurei registrar a variedade linguística do meu povo Katokinn; e analisar as funções e os significados sociais da nossa linguagem nessas maneiras de falar sobre uma mesma coisa nas situações de interação mais comum e familiar de nossa vivência. Vou usar minhas próprias experiências, já que sou parte dessa comunidade, para ajudar a explicar essa maneira de falar em nossa linguagem. Espero que, ao fazer isso, as pessoas possam ver a partir de outro ponto de entendimento o valor de nossa maneira de falar para nós mesmos, pois é algo que está para nós e entre nós. Espero situar os valores e crenças da prática de vida mais real do dia a dia – em consideração ao modo como nos relacionamos por meio dessa maneira de falar. Vamos sustentar que nossa maneira de falar é tão válida na nossa comunicação interpessoal quanto qualquer outra maneira, em outras situações fora da comunidade Katokinn. Também vamos sustentar que o padrão linguístico não existe na fala, pois a variação existe em todo lugar – só não a vemos se não estudamos, se não desenvolvemos a noção de linguagem sociointeracionistas de que a língua é constituída por relações sociais na necessidade de comunicação, se houve entendimento entre os falantes/ouvinte – houve comunicação, logo a língua e a linguagem foram bem executadas (Marcuschi, 2008).

A pesquisa adota uma abordagem autoetnográfica fundamentada em Chang (2016, p. 62), que destaca que “A etnografia usa o eu como sujeito de investigação”. Com base nessa referência, o “eu” se destaca como pesquisadora, membro da comunidade onde vou pesquisar. Desse modo, utilizo um pouco de minhas próprias vivências para enriquecer a interpretação dos dados. Ao destacar as especificidades de algumas das práticas linguísticas Katokinn, busco não apenas documentar essa variedade, mas também promover a compreensão e o respeito por essa variável ou formas de expressão na linguagem comum. Além disso, desafiando ‘preconceitos’ e contribuindo para o reconhecimento social e científico, colocaremos em interação a maneira de falar da mulher na comunidade, pois esse grupo sociolinguístico parece ter menos prestígio social nos estudos linguísticos da língua no dia a dia.

Este trabalho de conclusão de curso – TCC está dividido em cinco seções tópicas, incluindo esta introdução e a conclusão. Aqui na introdução, buscamos situar a pesquisa a partir do projeto com informações sobre a situação problema, questão norteadora, objetivos e uma justificativa, incluindo alguns esclarecimentos de caráter metodológico e reflexivo. Na seção dois, apresentamos algumas referências que foram lidas ao longo da graduação, como

“preconceito linguístico” e “a língua de Eulália” de Bagno (2015; 2017), e os textos indicados na orientação sobre etnolinguística, sociolinguística de contato e autoetnografia, por exemplo. Na seção três, descrevemos o caminhar desta pesquisa, tendo que ler partes do material de Paiva (2019; 2024) para fundamentar a metodologia e as escolhas que foram necessárias fazer para realizar esta pesquisa. Paiva (2019; 2024) foi utilizada fundamentar o caminho da minha pesquisa e melhorar o entendimento daquilo o que dizer em cada coisa que eu sabia fazer. Na seção quatro, organizamos os dados da pesquisa com detalhamento em quadros que situam os resultados e discussões. E, para finalizar, na seção cinco, apresentamos as considerações finais da pesquisa, finalizando com uma compreensão de como foi a experiência de realização desta pesquisa no CLIND/AL, incluindo as necessidades da vida que não costumamos dizer e que participam do nosso dia a dia e muitas vezes interferem na maneira como fazemos as coisas porque não temos “cabeça” para raciocinar com foco adequado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para entender melhor a fala do meu povo Katokinn, fui atrás de algumas referências que falam sobre variedade e preconceito linguístico na sociedade. Desse modo, organizei em tópico o que quero dizer a partir do que li.

2.1 Preconceito linguístico: diferente, mas não errado

Muita gente acha que só existe um jeito certo de falar, o jeito que aprendemos na escola tradicional. Mas a verdade é que a linguagem de execução de uma língua muda de lugar para lugar, de pessoa para pessoa, de idade para idade. O jeito que a gente fala no dia a dia, com a família, amigos e encontros religiosos – ritualísticos, é diferente do jeito que a gente escreve, ou quando resumimos o que lemos em um livro, ou quando falamos em uma atividade de ensino na sala de aula, ou em uma apresentação que discute sobre um tópico de estudo nos estudos cooperados do CLIND e até com aqueles que coordenam e nos ensinam no curso de letras.

O professor, filólogo e linguista Marcos Bagno (2015), em seu livro “Preconceito Linguístico”, explica que o preconceito acontece quando as pessoas julgam quem fala diferente, como se fosse errado. Ele diz que isso é um problema social, porque as pessoas que falam diferente geralmente são as mais pobres ou não pertencem a grupos ou classes sociais valorizadas, que não tiveram as mesmas oportunidades das classes mais favorecidas. É nesse ponto de observação mais social do que de linguagem de uma pessoa, grupo ou comunidade que se diz que existe preconceito linguístico. É interessante notar que Bagno (2015) critica o preconceito linguístico, defendendo as práticas linguísticas em sua variedade como reflexo das diversidades e da beleza da cultura brasileira.

De acordo com Bagno (2015; 2017), o preconceito linguístico consiste em todo juízo de valor negativo para as variedades linguísticas de menor prestígio social. Normalmente esse tipo de entendimento se relaciona com as questões sociais em que se destaca uma espécie de preconceito acerca de pessoas ou comunidades menos favorecidas, com pouco acesso a uma ‘educação qualitativa’. Mais próximo das palavras do autor, o preconceito linguístico deriva da construção de padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera errado tudo o que se diferencia daquilo que se diz como padrão linguístico.

Isso se verifica na história de todas as línguas: as formas inicialmente desprestigiadas, condenadas, passam a ser valorizadas quando as camadas dominantes da população se utilizam delas. Por isso é bom ter cuidado na hora de condenar alguma forma de linguística inovadora surgida nos meios populares, ela pode já ser hoje, a língua certa de amanhã (Bagno, 2015, p. 71).

Com base nessa compreensão de Bagno (2015), podemos interpretar que a fala do povo Katokinn (povo ao qual, eu como pesquisadora, pertença) é apenas diferente, e que não existe maneira certa ou errada de falar, a menos que seja o local ou hora inadequada. Um dia, por exemplo, tomando café da manhã com meu companheiro (que não tem estudo), e ouvindo no rádio a previsão do tempo, ele me olha e pergunta: “o que significa umidade relativa do ar?”. Procurei explicar para ele de forma analógica.

Quando você está com uma roça de milho ou feijão e agoa durante a noite, no dia seguinte quando você entra naquela roça, sente um frescor no ar, o cheiro é diferente das outras roças que não estão molhadas. Isso é porque o ar também está úmido e não só a terra. Observe que nas cidades grandes, onde tem muita poluição, o ar é seco fazendo os olhos arderem dependendo do nível da poluição, e isso quer dizer que o ar que respiramos contém água em forma de vapor (A autora, 2024 [Explicação da esposa para seu esposo]).

Como estudante de letras, eu estaria errada se falasse para ele sobre liquefação, uma vez que ele não tem conhecimento do assunto na maneira científica de falar. Essa interpretação ao exemplo citado acima, em sua compreensão, tem relação com o fundamento em Bagno (2017, p. 178) quando ele destaca o entendimento de que “não é adequado um agrônomo se dirigir a um lavrador usando uma terminologia altamente técnica, a menos que a intenção seja não fazê-lo entender”.

Busco destacar que as adaptações do povo Katokinn são refletidas em sua linguagem, cujas expressões e modo de falar denota uma riqueza nas variedades linguísticas presentes em diferentes contextos na comunidade. Entendo que essas variedades, de caráter situacional, são dignas de destaque porque fazem parte da nossa realidade. Em relação com o que destaquei na pergunta resposta da interação com meu companheiro – a gente percebe a variação social, que enganadamente pode ser vista como imposição da linguagem do outro em uma dada classe social mais elevada. É natural que a gente busque entender como o outro fala, mas também temos que olhar para nós mesmos e destacar nossa maneira de entender e falar, observando os valores socio-situacionais. Considero isso importante para nossa relação com o mundo e do mundo para conosco, pois essas manifestações do que ouvimos e falamos não têm sido vistas ou reconhecidas como parte da língua de um povo, pelo menos até onde eu li e busquei, pois a ideia de língua padrão impõe significados pejorativos para a variedade linguística – se não somos estudiosos e buscamos conhecimentos adicionais sobre a compreensão de que as variações são aceitas e nenhuma delas é superior, ou considerada a mais correta.

No Brasil há estudos sobre linguagem indígena, mas não identificamos pesquisas relacionadas com a variação de expressões linguísticas em contextos específicos e mais simples da realidade comunitária no uso de uma expressão de linguagem, item de vocabulário local. De acordo com Seki (1999), os estudos sobre linguagem indígena limitam-se à fonologia e sintaxe, demonstrando uma certa marginalidade com os povos dessa cultura.

No que respeita às suas relações com a linguística no Brasil, a área de Linguística indígena ainda não conseguiu a ela integrar-se de modo satisfatório, seja em termos de seu objetivo de estudo, seja em termos do corpo de especialistas, seja em termos institucionais (Seki, 1999, p. 267).

Essa exposição em Seki (1990), acerca da limitação de estudos indígenas com os diferentes temas de linguagem, nos impede de ter um conhecimento mais esclarecido sobre este assunto. Isso tem sido uma barreira para nossa compreensão das dinâmicas no modo de falar dessa cultura e seus povos nas diferentes regiões do Brasil. Desse modo, como membro do povo Katokinn, parte da grande cultura indígena, interpreto que precisamos ressaltar que a linguagem de um povo indígena reflete sua identidade, suas lutas e imposições sociais mais amplas, fazendo transparecer suas concepções e percepções de mundo que sofreram processos de adaptação cultural ao longo do tempo e espaço nos locais onde cada povo vive e desenvolve sua comunidade. Como apontado em Feltes (2018, p. 202), “As línguas, expressam uma identidade à medida que incorporam uma concepção particular de mundo”.

Um mínimo de reflexão é suficiente para comprovar que as manifestações linguísticas de cada comunidade humana estão relacionadas a sua cultura, de modo que seu sentido só pode ser compreendido a partir da cultura subjacente e ao mesmo tempo sua análise permite conhecer ou corroborar o conhecimento de muitas características específicas dessa cultura (Camacho, 2003, p. 996, *apud*. Santos, 2013 p. 58).

A partir disso, ao olharmos para a compreensão de Bagno (2015; 2017), percebemos que o preconceito se manifesta com os menos favorecidos, deixando claro que o problema não está na linguagem e sim no povo ou raça que vive às margens da sociedade. O quadro a seguir, exemplifica uma ideia de variável linguística comparada com padrão linguístico.

Quadro 1: Variável situacional versus padrão linguístico

Variável	Padrão
Ropa	Roupa
Loro	Louro
Poco	Pouco

Fonte: Bagno (2017, p. 82), adaptação nossa.

Bagno explica que a pronúncia não padrão das palavras “ropa”, “loro” e “poco”, com a ausência da letra “u” destaca-se como uma dinâmica da linguagem na fala de pessoas em programas de variedades em rádio e televisão. Em se tratando de um fenômeno linguístico, Bagno (2015) aponta que essa questão da fala com certo preconceito se trata de um problema social acerca da maneira de ver quem fala, não no modo como se fala. É nesse sentido que Bagno (2015, p.13) enfatiza que “o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social”. Para isso, compreendemos que Bagno discute sobre a importância de reconhecer e valorizar as diferentes variedades da língua nos diversos contextos em que ela ocorre, situando a afirmação de que as várias formas de falar não constituem erro linguístico, eles constituem, sim, expressões legítimas da realização socioculturais.

Para entendermos um pouco da situação do preconceito linguístico, vamos olhar, no tópico seguinte, o campo ou abordagem sociolinguística de modo referencial e comparativo.

2.1 Sociolinguística: diferentes valores comunicativos e situações no mesmo lugar

A sociolinguística, como ramo da linguística, analisa a interação entre linguagem e sociedade, abordando como as línguas variam e evoluem em diferentes contextos sociais. Este campo estuda a variação linguística entre grupos sociais, incluindo classes, etnias e gêneros, além da mudança linguística ao longo do tempo. Relacionado ao tópico anterior sobre preconceito linguístico, a identidade e a atitude em relação à língua são também focos relevantes, examinando como grupos expressam suas identidades linguísticas e como percepções sociais afetam o uso da língua. No Brasil, autores como Marcos Bagno (2015; 2017) e Stella Maris Bortoni-Ricardo (2015) são referências importantes, explorando questões desde o preconceito linguístico até o impacto da linguagem na educação.

Nesses autores que li suas obras me relaciono com a questão da relação entre a linguagem e a sociedade, como a língua varia e muda em diferentes contextos sociais e como esses contextos influenciam o uso e o vocabulário de assimilação do significado daquilo o que falamos. Identificamos que os objetos de estudo da sociolinguística são variação linguística, mudança linguística, política linguística e planejamento, identidade e linguagem, atitudes em relação à língua e comunidades de fala. Me situo no olhar para questões de identidade e linguagem sobre como a identidade da comunidade Katokinn fala por meio do uso da língua, de atitudes em relação às percepções e julgamentos sociais sobre variedades linguísticas e de foco em como expressamos nossos valores, crenças e lutas de sobrevivência maneira de falar comum.

Ao ler Bagno (2015; 2017) e Bortoni-Ricardo (2015) destaco isso que situo da sociolinguística porque vejo que fornece uma explicação sobre como nossa comunicação é influenciada por questões sociais e situacionais que, por sua vez, essas questões são refletidas na língua/linguagem que usamos diariamente.

Trouxemos uma relação de interesse de compreensão entre sociolinguística e preconceito linguístico a partir de Bortoni-Ricardo (2015) e Marcos Bagno (2015; 2017) de para organizar as ideias compreendidas nesse campo de estudo da língua. Assim, entendi que a sociolinguística estuda a variação e mudança linguística em diferentes contextos sociais e situacionais. E o preconceito linguístico estuda a realização social e cultural que desvaloriza e discrimina alguns modos de falar, geralmente rotulando-os como um aspecto de inferioridade social.

A partir da orientação entendi a necessidade de olhar para a variação situacional da linguagem como diversidade linguística em nossa cultura de interação Katokinn. Com o olhar para a diversidade linguística da nossa comunicação, vejo a importância deste estudo como ponto para explorarmos o conhecimento e construirmos a compreensão de que todas as variações, sejam sociais ou situacionais, são aceitas e nenhuma delas é superior, ou considerada a mais correta.

Como estudante de letras, hoje vejo como o preconceito pode afetar negativamente os indivíduos em contextos educacionais e sociais, promovendo a exclusão e desrespeito pela diversidade na maneira de falar de cada um. A partir disso, minhas referências são Bortoni-Ricardo (2015) que enfatiza o papel da educação para promover a consciência sociolinguística e Marcos Bagno (2015; 2017) que fala da necessidade de combater o preconceito linguístico para ajudarmos a sociedade a se desenvolver de modo mais compreensível sobre o fato das variações serem aceitas e que nenhuma delas é superior, ou considerada a mais correta em situações informais de nossa realidade indígena Katokinn.

2.3 Da etnolinguística para a sociolinguística de contato

No Brasil, a diversidade linguística indígena é muito grande, com cada povo possuindo sua própria maneira de falar e cultura. Este grande cenário torna essencial o estudo das línguas indígenas, não só para preservação cultural, mas também para ajudar no reconhecimento social. Ao lermos Seki (1999) e Savedra et al. (2021), percebemos a compreensão da abordagem etnolinguística como um bom olhar para a relação entre linguística e etnologia para explorar o entendimento de como diferentes culturas percebem o mundo ao redor. Segundo Seki (1999), a investigação contínua das línguas indígenas é necessária, especialmente olhando para suas

mudanças contextuais, não somente sociais, mas situacionais, pois isso se relaciona com este estudo que explica um pouco da variação linguística do povo Katokinn.

A etnolinguística estuda a interseção entre língua e cultura, mostrando como a linguagem reflete percepções culturais. Savedra et al. (2021), destacam que esta abordagem usa teorias da ciência cognitiva e antropologia para investigar como diferentes grupos conceituam suas experiências. Assim, essa abordagem apresenta como a linguagem expressa conceitos únicos que podem não ter equivalentes diretos em outras línguas, refletindo a cognição cultural específica de cada grupo em seu lugar específico. Desse modo, essa abordagem interdisciplinar é fundamental para entender práticas culturais e linguísticas, proporcionando uma compreensão ampla da diversidade cultural e linguística.

A partir dos estudos no CLIND, entendemos que temos o português brasileiro como uma língua comum para interação geral, mas que temos linguagens específicas em cada lugar e comunidade indígena do nordeste brasileiro. A partir desse ponto de entendimento, trouxemos um olhar para a ‘sociolinguística de contato’ que foca nas dinâmicas que envolvem o encontro de línguas/linguagens diferentes. Savedra et al. (2021) argumenta que este olhar investiga as mudanças que ocorrem no vocabulário, gramática e pronúncia devido ao contato entre línguas, como no caso das línguas indígenas e o português de Portugal que se fundiram e hoje temos o português brasileiro, que é algo entre conceitos de linguagens diferentes. Essa interação levou a fenômenos como empréstimos linguísticos e modificações estruturais nas línguas envolvidas. No contexto do meu povo Katokinn, a sociolinguística de contato pode nos ajudar a explicar como o contato com o ‘português’ (sociedade mais ampla) influenciou nossa fala, oferecendo ferramentas para valorizar e entender a riqueza das variações linguísticas sociais e situacionais no interior de nossa comunidade.

2.3.1 Autoetnografia: minha experiência também se explica como pesquisa

Nesta pesquisa, a autoetnografia constitui um jeito de estudar a língua usando minhas próprias experiências como exemplo. No texto Chang (2016), traduzido pelo orientador deste trabalho para a leitura sobre autoetnografia, a autora explica que na autoetnografia, o pesquisador também é parte da pesquisa, entendendo que “A autoetnografia usa o eu como sujeito de investigação” (Chang, 2016, p. 62).

Nem tudo entendemos de início na primeira fonte que lemos, assim buscamos interpretar as definições de autoetnografia pela Wikipédia (2024), facilitando o entendimento do que Chang (2016) explica. Desse modo, entendemos que a autoetnografia é uma metodologia de pesquisa que combina a autobiografia com a etnografia, onde o pesquisador utiliza suas próprias

experiências como dados para analisar um fenômeno social ou cultural. Entendi que para se fazer autoetnografia, o pesquisador precisa se colocar como sujeito da pesquisa, documentando suas vivências e reflexões sobre o tema em estudo, bem como fiz e registrei em meu caderno de anotações (ver em anexos). Isso como ferramenta comum nesse processo é chamado de diário de campo, onde anoto impressões das entrevistas, das observações e das minhas reflexões dos materiais usados (Wikipédia, 2024; Chang, 2016; Dos Santos; Biancalana, 2017).

Como eu sou pesquisadora participante da minha comunidade indígena ou povo Katokinn, onde estou pesquisando, os dados que estou coletando, como entendi em Chang (2016, p. 61 [inserção minha]) “envolvem não apenas você [o eu], mas também outros de sua família, comunidade local e sociedade geral”. A autora explica que “Utilizando a autoetnografia sistemática, o diário de campo, você poderá coletar dados observacionais e autorreflexivos” (Chang, 2016, p. 61).

Trouxe a revisão de literatura desta abordagem porque a autoetnografia permite que eu, a pesquisadora, como membro do povo Katokinn, utilize minhas experiências pessoais para investigar a variedade linguística situacional da minha comunidade. Através da observação participante (Paiva, 2019; 2024) e da autorreflexão (Chang, 2016), como entendi, eu posso coletar dados sobre o uso da língua em diferentes contextos situacionais, identificando suas particularidades.

Nesse caso em que estudo o fenômeno de linguagem do meu povo que se relaciona comigo mesma, a autoetnografia vem contribuir para esta pesquisa ao fornecer uma perspectiva interna sobre a dinâmica linguística do povo Katokinn. Eu, a pesquisadora, por ser parte desse povo e estudante de letras, tenho um conhecimento da vivência cultural e das práticas linguísticas, o que enriquece a análise dos dados e a construção de sentido da pesquisa que estou desenvolvendo.

Além disso, a autoetnografia permite que eu explore as nuances da relação entre língua e identidade¹, mostrando como a fala do povo Katokinn reflete sua história, seus valores, suas lutas e suas adaptações ao longo do tempo. Ao ler Chang (2016 [em referência para as páginas 61-62]), entendi que a pesquisa, ao utilizar essa metodologia autoetnográfica, humaniza o estudo da linguagem, pois dá voz aos falantes e mostra a riqueza da diversidade linguística brasileira (mas quero dizer a diversidade linguística do povo Katokinn). É importante dizer que “Mesmo

¹ Aqui estou tentando situar a identidade feminina, mas não inclui ideias mais amplas e referenciadas para não fugir da proposta desta pesquisa, mas tenho intenção de aprofundar em estudos posteriores.

depois que um foco de pesquisa é definido, é possível que o foco seja modificado e refinado enquanto os dados estão coletados” (Chang, 2016, p. 62).

Muito próximo dessa abordagem autoetnográfica, no fundamento em Chang (2016), temos a compreensão do campo da linguística aplicada em que a linguística aplicada enfatiza a importância do pesquisador trazer sua própria voz e experiência para a pesquisa, especialmente em contextos de minorias, como discutido por Cavalcanti (2006). A autora destaca que é crucial reler teorias estabelecidas com um olhar crítico, considerando as vozes e perspectivas dos próprios participantes da pesquisa, o que é essencial para pesquisas “de dentro” (Cavalcanti, 2006, p. 251). Para mim, em acordo com meu orientador, isso sustenta minha posição como pesquisadora participante em que me sustento na abordagem autoetnográfica, onde a minha experiência pessoal de e como pesquisadora é central para a compreensão e interpretação dos dados. Desse modo, entendo que na linguística aplicada é importante para o pesquisador mostrar sua própria voz, sua experiência e explicar a variação linguística e aquilo que na minha voz ou na voz do meu povo não tem graça. No meu caso, como indígena e pesquisadora, minha experiência de vida ajuda a entender melhor a variação situacional da linguagem informal do meu povo. Se for uma pessoa de fora, sem experiências internas com o povo Katokinn, as impressões e dados de pesquisa poderiam ser interpretados sem a realidade que realmente tem e que muitas vezes fica mascarada pelo desconhecimento.

Na seção a seguir, vamos apresentar brevemente o caminho desta pesquisa, a metodologia que utilizamos e ora fundamentamos nesta revisão de literatura e fundamentação teórica.

3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Esta pesquisa com título e subtítulo “MINHA FALA NÃO TEM GRAÇA, TEM EXPLICAÇÃO: UM ESTUDO DA VARIEDADE LINGUÍSTICA DO POVO KATOKINN” é um estudo de caso que utiliza a pesquisa etnográfica, mais especificamente a autoetnografia fundamentada em Chang (2016). Desse modo, a pesquisa é qualitativa e interpretativa, buscando explicar os nossos significados da variação linguística por trás das palavras em situações comuns de interação do meu povo Katokinn. Para construção dessa metodologia, li Paiva (2019; 2024) em relação com as obrigações de leitura para a disciplina de “Metodologia da Pesquisa em Letras”.

Amparada nos fundamentos de Chang (2016) e Paiva (2019; 2024) eu sou pesquisadora e também participante, eu sou membro da comunidade que está sendo o contexto do objeto de estudo desta pesquisa. Isso é importante porque permite que eu como pesquisadora use minhas próprias experiências e vivências como fonte de dados, além de observar e participar ativamente da vida da comunidade Katokinn. Como li em Chang (2016), este método é muito útil em estudos de identidade, gênero e raça, onde a experiência pessoal do pesquisador pode oferecer ideias valiosas para a realidade da fala situacional e informal como ela é no dia a dia das interações comuns e mais usuais.

Para coletar os dados, utilizei a observação participante, entrevistas semiestruturadas e gravações com o uso do celular LGK12 prime 2019 (arquivo de áudio guardado em formato MP3, guardado em pasta no Drive do e-mail pessoal para conferência posterior, junto aos termos de consentimento livre e esclarecido – TCLE que as entrevistadas assinaram no momento da entrevista. O acesso dessas entrevistas em áudio é restrito à pesquisadora, ao orientador e aos avaliadores, não podem ser divulgados, pois preservamos a identidade das participantes). A observação participante me permitiu descrever o modo como se vive o dia a dia na comunidade, anotei no diário de campo como as pessoas falam e interagem umas com as outras. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com quatro mulheres da comunidade, identificadas como entrevistada A, entrevistada B, entrevistada C e entrevistada D, codificadas como E-A, E-B, E-C e E-D, situadas com a seguinte identidade.

- **E-A:** professora de 39 anos;
- **E-B:** dona de casa de 44 anos;
- **E-C:** senhora de 65 anos, dona de casa, que estudou até a 3ª série; e
- **E-D:** jovem universitária de 24 anos, estudante de pedagogia.

Embora tenhamos feito uma pesquisa com pessoas reais, utilizando o TCLE, decidimos manter o anonimato na redação escrita deste trabalho de conclusão de curso. Contudo, registramos nos anexos o nome e as assinaturas de cada entrevistada no TCLE. Isso aqui no corpo do trabalho é um dado anônimo, mas as notas de campo, em anexo, apresentam os nomes das entrevistadas como um critério pessoal e efeito de aproveitamento deste trabalho para uma publicação, visto que não será publicado com anexos.

Durante as entrevistas, pedi que elas contassem uma história e, ao mesmo tempo (paralelamente), mostrei figuras ilustradas para que dissessem o nome dos objetos. Este método ajudou a entender como a comunidade Katokinn reconhece e nomeia diferentes objetos, mas usam termos mais padronizados em outras situações sob influência da adaptação com que fala. O método foi pensado a partir da leitura do Capítulo 3 – *Entrevistas* de Paiva (2024) que fala dos problemas de influência do pesquisador na coleta dos dados. Desse modo, construí essa dinâmica de obtenção dos dados para que os obtivesse da maneira mais real possível, pois em outras circunstâncias as entrevistadas poderiam falar de outra maneira (vocabulário) o nome dos mesmos objetos apresentados durante o tempo em que elas contavam uma história.

3.1. Procedimentos de coleta

Antes das entrevistas, expliquei a importância da pesquisa e solicitei que cada participante assinasse um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo que todas estavam cientes e de acordo com os objetivos do estudo (ver em anexos). Durante as entrevistas, as participantes foram encorajadas a falar livremente, o que ajudou a obter respostas mais naturais e espontâneas. Ao apresentar fragmentos dos dados falarei um pouco como aconteceu cada momento de entrevista.

3.2. Análise e discussão dos dados

Os dados coletados foram analisados com base nas teorias discutidas na fundamentação teórica. O foco foi entender como as variedades linguísticas do povo Katokinn se manifestam e são utilizadas em diferentes contextos. A análise buscou destacar a riqueza e a singularidade da língua falada pela comunidade, desafiando preconceitos linguísticos e valorizando a diversidade cultural.

Com base na orientação que recebi, apresentarei o contexto geográfico e social na tentativa de caracterizar a realidade que vivemos e que não se separa da nossa linguagem e maneira como falamos. Essa apresentação não participará diretamente da interpretação dos

dados, pois embora eu tenha referências de leituras para falar como descrevo, é mais minha participação pessoal e autora nesta pesquisa. Desse modo, vou falar de modo livre e não usarei isso como influencia direta para interpretação dos resultados.

3.2. Papel da pesquisadora: o eu autoetnográfica

Como membro da comunidade Katokinn, minha experiência pessoal foi utilizada para a pesquisa. A autoetnografia, conforme base em Chang (2016), sustentou o que precisei para trazer minha própria voz e perspectiva para o estudo, enriquecendo a análise e dando visibilidade à linguagem e cultura do meu povo. Além disso, consegui com o meu orientador que eu pudesse escrever este trabalho em primeira pessoa, tanto porque é mais fácil para escrever o que entendi acerca de tudo o que li quanto porque eu queria mesmo que o trabalho fosse meu em todos os sentidos.

Eu quis escrever desse modo porque é como eu entendo como estudante de letras e como leitora de Cavalcanti (2006) acerca da linguística aplicada e Chang (2016) sobre autoetnografia. Ter que ler muita coisa e no fim não poder escrever como eu entendo estava me deixando frustrada com a ciência e a pesquisa sem minha identidade marcada. Em muitos momentos os enunciados podem parecer se misturar na marcação de primeira pessoa do singular e primeira pessoa do plural. Isso também tem explicação, pois algumas vezes precisei de ajuda para melhorar o significado do que precisava dizer, pois não ficava claro e compreensível, assim interagi com o orientador até alcançar a ideia proposta. Desse modo, marquei tanto o que consegui desenvolver por mim mesma em primeira pessoa quanto o que consegui com a colaboração, por isso pode parecer misturado, mas destaco aqui como explicação do porquê faço isso.

É nesse sentido que meu trabalho busca não apenas documentar a diversidade linguística do povo Katokinn, mas também promover uma compreensão e respeito por essas formas de expressão que eu como pesquisadora vivencio e até faço uso. Entendo que é desse modo que a pesquisa contribui para o reconhecimento social e científico do povo Katokinn. É por meio de mim e de meus parentes indígenas e pesquisadores em letras que tornamos conhecida e aceita nossa fala comum e cultural, não apenas por falarmos dela, mas como parte dela no modo como falamos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

4.1 Descrição contexto social do povo Katokinn com base nas descrições do google

O povo Katokinn, localizado na região do sertão alagoano, vive nas mediações da cidade de Pariconha, conhecida por seus desafios geográficos, como o clima árido e solos pouco férteis, que dificultam a subsistência. Apesar disso, a comunidade mantém uma forte identidade cultural e comunitária. Desde o reconhecimento oficial em 2001, sob a liderança de Nina Cacique – Katokinn, a comunidade se destacou em organização social, cultural e política, buscando continuamente melhorar suas condições de vida por meio de diálogos com órgãos governamentais e alianças com outros povos indígenas.

Culturalmente, o povo Katokinn é rico em tradições religiosas e práticas culturais que preservam sua história e valores. Festividades e rituais mesclam elementos tradicionais e contemporâneos, servindo como um elo entre gerações e uma forma de resistência cultural. A comunidade participa ativamente de movimentos sociais, lutando por melhorias em educação, saúde, desenvolvimento econômico e outras áreas essenciais. Esses esforços visam aumentar a autonomia e o bem-estar da comunidade, fortalecendo suas lutas por reconhecimento e valorização social.

A presença feminina no povo Katokinn é marcada pelas lutas internas por reconhecimento e igualdade. As mulheres, como Nina Cacique – Katokinn, desempenhou papéis cruciais na liderança comunitária, embora enfrentando desafios relacionados a questões sociais e históricas. Infelizmente, o preconceito e as imposições culturais muitas vezes limitam as oportunidades femininas, mas a comunidade continua a lutar por uma maior participação e valorização social, incluindo as mulheres, reconhecendo suas contribuições indispensáveis, como discretamente abordamos neste trabalho de conclusão de curso de licenciatura intercultural indígena em letras – língua portuguesa.

O título da pesquisa, “Minha fala não tem graça, tem explicação”, reflete a luta por reconhecimento e respeito às particularidades linguísticas da comunidade. A pesquisa destaca a importância de compreender a linguagem como uma expressão autêntica da identidade cultural. Discretamente focando nas mulheres, esta pesquisa homenageia as contribuições femininas para a cultura e a luta contínua por igualdade e reconhecimento dentro e fora da comunidade.

Desse modo, a coleta de dados desta pesquisa foi realizada principalmente com mulheres como forma de honrar a liderança feminina e destacar a importância das nossas vozes, enquanto mulheres, na luta por reconhecimento e autonomia. Me sinto orgulhosa por poder

socializar essa realidade de variação linguística em meio ao meu contexto social e situacional do povo Katokinn. Apresento isso porque apesar das dificuldades impostas por contextos familiares e sociais, nós as mulheres Katokinn continuamos a manifestar nossas vozes em prol da comunidade. Neste tópico de descrição contextual, indicamos um ponto de vista sobre os preconceitos e buscamos superar barreiras para afirmar nossas identidades e nosso papel social sem perder nossa naturalidade de vivência informal e interativa com outras pessoas em nosso meio.

Nossa vida no sertão alagoano é permeada por desafios que exigem uma adaptação constante. Nosso povo Katokinn enfrenta esses desafios com adaptabilidade, buscando integrar suas tradições a práticas contemporâneas. O uso de tecnologias, ainda que precário, como celulares, televisão e demais tecnologias de informatização, contribui para essa integração, permitindo uma comunicação mais ampla e o fortalecimento dos laços comunitários. Nos entanto, essa realidade atual é uma questão que pode está influenciando e alterando nossos comportamentos e nossa maneira de falar. É possível que essa realidade complexa reflita na nossa linguagem, que é tanto um produto quanto um veículo dessa adaptação cultural e resistência histórica.

Essa contextualização tem seu fundamento de situar o ambiente onde vivo e participo como povo Katokinn. Essa compreensão pode ajudar na maneira de ler os dados e refletir sobre questões não declaradas na apresentação dos resultados e discussões sobre os dados coletados, expostos a seguir.

4.2 Os dados das entrevistas

A pesquisa de campo realizada junto à comunidade Katokinn buscou compreender as nuances da variação linguística por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro mulheres de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. Utilizamos imagens para estimular a fala das entrevistadas, permitindo uma análise da identificação e nomeação de objetos, o que revelou não só a importância cultural dessas denominações, mas também as percepções individuais e coletivas sobre a linguagem no contexto Katokinn. O foco interpretativo situou-se na variação linguística como expressão de identidade e resistência cultural, destacando o papel significativo da linguagem na preservação cultural e social da comunidade.

Apresentamos a seguir – um fragmento da transcrição da gravação de cada uma das entrevistadas, bem como um comentário dos resultados e interpretação logo em seguida. Mas, antes de apresentar os fragmentos, comento como se deu a realização da entrevista para cada uma. Isso é conveniente porque para fazer o levantamento de como as pessoas entrevistadas

reconhecem as figuras, eu pedi que contasse uma história, porque assim, elas ficariam entretidas, focadas na história, e falariam o nome de cada uma das figuras, da maneira que costuma falar, pois se eu simplesmente mostrasse a figura e perguntasse o nome, elas procuraram falar de modo mais formal, por isso relatei 11 figuras as quais, percebo formas diferentes de falar, motivo de preconceito em alguns dialetos da comunidade, como no caso do nariz que alguns falam “venta”, ou sandália que falam “percata”, e até mesmo “zaprecata”, variação linguística presente na comunidade, que varia de acordo com idade ou nível de escolaridade.

A E-A veio até minha casa, por não ter barulho e nenhuma interrupção, por este motivo decorreu de acordo com o esperado, (tranquila e produtiva). Depois de explicar minha dinâmica, comecei a entrevistá-la, e durante a entrevista a entrevistada contou a história e trajetória de sua vida profissional, e de enquanto ela falava eu mostrava as figuras uma de cada vez.

Fragmento 1: E-A Professora de 39 anos

..eu fiz a minha licenciatura (sandália) -risos- eu fiz minha licenciatura em Paulo Afonso né na Uniasselvi, e era um semi-presencial, onde eu teria que estudar dias de quartas e quinta feiras (bonecas) durante esses períodos eu tinha dois filhos né minha primeira oportunidade foi que eu tinha um trabalho tinha condições de estudar aí era o meu sonho fazer uma faculdade nunca tive oportunidade de fazer enem, vestibular para concorrer uma vaga assim pra não pagar, então na primeira oportunidade que eu tive, que arrumei um trabalho né, na seletiva que eu fiz na seletiva e conseguir passar, primeiro meu primeiro sonho foi fazer a minha faculdade, então eu já iniciei (canecos) eu já iniciei indo estudar...

Fonte: acervo do autor (2024).

Neste Fragmento 1, da E-A, professora de 39 anos, a sua narrativa revela uma trajetória pessoal de superação, onde a educação é vista como um caminho para a realização de sonhos. Ao identificar imagens, a entrevistada se conecta emocionalmente com suas experiências de vida, demonstrando como a linguagem serve tanto como um reflexo de suas aspirações pessoais quanto como um meio de resistência cultural. Essa interação reforça a importância da educação na comunidade e evidencia a aspiração contínua por melhorias pessoais e comunitárias.

Para a entrevista com a E-B, depois de marcar várias vezes em minha casa, resolvi ir até a casa dela mesmo sabendo que teria interrupções. Pedi que ela contasse a história da comunidade a qual pertence, enquanto lhe mostrava as figuras. Como eu já esperava, a entrevista foi um pouco tumultuada, pois era noite e ela tinha dificuldade para enxergar as figuras, levando algum tempo para responder, isso fazia com que esquecesse onde parou na

história, então precisei interferir fazendo perguntas para que ela não fugisse do contexto. Em meio a nossa conversa, entraram três pessoas onde estávamos e deu boa noite, algumas até responderam às perguntas que eram dirigidas à entrevistada.

Fragmento 2: E-B senhora de 65 anos, dona de casa, que estudou até a 3ª série

...ela disse; agora compadre Mauro junte mais gente (uma cuia né linda!) ai comecemos a lutar, ele sempre ia trabalhar lá e ela também de dentro... quem fez ali foi meu filho mais o menino de... mais jaro, parece que é filho de Marina, e foi os pedreiro meu que eles escolherão (aqui é uma sandalhinha não é linda? parece que eu tenho uma desse modelo)... tinha os toré nos tempo de Seu Arvilino, até antigamente comade, Seu Arvilino pagava pra se quisece ficar...vamo supor: cantar, o índio não tinha liberdade dele chegar e cantar num canto...como quem ele deu o nome pra ficar, pra ter a liberdade de cantar, senão a justiça a justiça vinha mandar ele parar (aqui é um pote)...

Fonte: acervo do autor (2024)

Neste Fragmento 2, da E-B, que é uma dona de casa de 65 anos, que conta a história da comunidade, ela usa diminutivos e expressões carinhosas, o que destaca o afeto e a familiaridade com os elementos culturais e comunitários. A linguagem dela reflete uma intimidade com a história e as tradições do povo Katokinn, mostrando como a oralidade é uma ferramenta poderosa para a transmissão de história e cultura. A maneira como ela interage com as imagens ilustra a riqueza e a diversidade das expressões linguísticas locais.

Para a entrevista com a E-C, fui até a casa dela, onde se encontrava sozinha, porém foi um pouco fora do que eu esperava, pois ela começou a falar de sua vida de forma bem resumida me obrigando a interagir fazendo perguntas para que pudesse apresentar todas as figuras. No meio da entrevista chegou uma religiosa batendo a porta e pedindo para rezar o terço junto a ela, pedi que esperasse e apressei a entrevista.

Fragmento 3: E-C: dona de casa de 44 anos

... e agora eu estou estudando né e o meu sonho (peteca) e o meu sonho sempre foi terminar os estudos se Deus quiser (uma boneca) e depois que eu terminar os estudos se Deus quiser, fazer faculdade que o meu sonho eu sempre quero fazer faculdade e arrumar um bom emprego né, se Deus quiser. É bom a pessoa estudar, a pessoa aprender. É bom a gente ser índia né? (um short), que a gente tá lá no toré fazendo, faz né...

Fonte: acervo do autor (2024)

Neste Fragmento 3, da E-C, que é uma dona de casa de 44 anos, sua fala está repleta de esperança e aspirações futuras, evidenciadas pela repetida expressão “se Deus quiser”, que denota uma forte ligação com a fé e a busca por oportunidades educacionais em sua vida. A

identificação de imagens pela E-C revela a importância de símbolos visuais na comunicação e na determinação de um vocabulário compartilhado, que é central para a comunidade Katokinn. Isso mostra a persistência dos sonhos e a crença na educação como meio de transformação.

Por fim, para a entrevista com a E-D, esta foi realizada na Oca da aldeia perto da escola indígena onde eu trabalhava no momento e a entrevistada também estava em serviço, então tiramos dez minutos para fazermos ali mesmo, pelo fato de ela morar longe e não ter tempo de vir a minha casa, nem eu na dela. Percebi um certo nervosismo durante a entrevista, embora tenhamos conversado muito. Ela não sabia contar história então improvisei algumas perguntas as quais lhe deixasse confortável e segura, mesmo assim a última figura que tratava se de “dados” e que na comunidade é conhecido como “bozó”, ela se atrapalhou e respondeu “dominó”.

Fragmento 4: E-D: jovem universitária de 24 anos, estudante de pedagogia

...antes quando eu era criança ,eu participava mais, porque quando eu e meu primos, a gente vinha com vó e aqui a gente ficava, vinha pos toré, forrava os tapetes, deitava... aí depois, depois que eu completei 18,19, (Peteca) ai eu me aproximei mais, ai agora, um ano e pouco, eu me aproximei mais, (Dicuri) e agora eu acho que estou participando mais de tudo...Tenho várias fotos eu pequenininha, tenho uma que o praiá mé pega no braço, (Nariz)...

Fonte: acervo do autor (2024)

Neste Fragmento 4, da E-D, que é uma universitária de 24 anos, ela demonstra um nervosismo natural ao falar, mas sua narrativa destaca o papel vital da juventude na continuidade das tradições culturais. Embora tenha dificuldade em lembrar nomes de figuras, sua fala é um testemunho do esforço e da vontade de participar ativamente da vida comunitária. Essa hesitação vocal pode representar a pressão das expectativas na transmissão cultural e as mudanças na linguagem através das gerações.

Para melhorar o entendimento e ampliar a interpretação dos resultados dessas entrevistas, apresentamos a seguir – um quadro contendo as imagens apresentadas para as entrevistadas, junto aos nomes técnicos correspondentes, sinalizando a conexão entre linguagem visual e oral, bem como o que cada entrevistada falou o nome por assimilação na apresentação de cada imagem. As dinâmicas de identificação e nomeação reforçam a importância de uma abordagem integrada no estudo da variação linguística, mostrando como a identidade cultural do povo Katokinn está intrinsecamente ligada à sua linguagem, que, embora vista como algo que “não tem graça” por alguns, é rica em significado e contexto cultural.

O quadro a seguir apresenta as imagens que foram apresentadas para as entrevistas, utilizei onze figuras (conforme descrição nas tabelas) as quais mostrava uma por uma a cada entrevistada. Para cada entrevistada, descrevo os dados coletados e anotados em meu caderno de anotações, gravados e transcritos, sobre como as colaboradoras reconheceram as figuras que lhes foram apresentadas durante o tempo em que contavam uma história.

Quadro 2: Reconhecimento linguístico de itens ilustrativos

PADRÃO técnico	FIGURAS	E-A	E-B	E-C	E-D
Short		Bermuda	shortinho	short	short
Brinquedo		Bonecas	bonequinhas	boneca	boneca
Copo		Caneco	canequinho	copo	caneca
Tigela		Cuia	cuia	cuia	cuia
Cubo		Dados	bozó	bozó	dominó
Coco		Dicuri	dicuri	dicuri	dicuri
Funda		Estilingue	peteca	peteca	peteca
Recipiente		Jarra	pote	pote / jarra	pote
Órgão olfativo		Nariz	nariz	nariz	nariz
Calçado		Sandália	sandalinha	percata	sandália
Beiju		Tapioca	beiju	beiju	tapioca

Fonte: A autora

Esse Quadro 2 revela nuances sobre a diversidade linguística entre as entrevistadas do povo Katokinn ao identificar diferentes objetos a partir de ilustrações. As variações nas respostas das participantes indicam como a linguagem reflete aspectos individuais e culturais. Por exemplo, o termo “short” foi consistentemente reconhecido pelas entrevistadas, embora com variações como “shortinho”, sugerindo uma adaptação ao contexto linguístico mais íntimo e cotidiano. Similarmente, na identificação do “copo”, foram usadas as variações “caneco” e “canequinha”, o que destaca um uso mais carinhoso e familiar da linguagem, conectando-se ao contexto cultural em que esses termos são usualmente empregados.

Esta análise demonstra que as diferenças entre as entrevistas não refletem apenas variações linguísticas, mas também revelam a profundidade da identidade cultural e social do povo Katokinn. Ao observar como cada entrevistada nomeia os objetos, percebemos a influência de suas histórias pessoais e sua relação com a nossa cultura local. Por exemplo, a utilização do termo “dicuri” para “coco” ou “coquinho” por todas as entrevistadas mostra uma consistência cultural, enquanto a variação na palavra para “estilingue”, identificada como “peteca”, reflete um sincretismo linguístico enriquecedor. O registro dessa diversidade linguística é um testemunho do papel da linguagem na preservação da identidade cultural, refletindo não apenas tradições, mas também as percepções e adaptabilidades modernas da comunidade Katokinn.

Para este estudo não ficar muito egoísta apenas falando da variação linguística situacional do meu povo Katokinn, busco uma representação da variação e compreensão dessa variedade linguística em outros nomes. Podemos nos referir como sinônimos, mas vamos olhar como variação linguística situada em outros contextos mais gerais, buscando na internet a partir – das palavras técnicas que situam as imagens que utilizamos nas entrevistas. Isso consiste em um recurso de sociabilidade e heterogeneidade para deixar esta pesquisa mais interativa com o conhecimento de outras variedades linguísticas que se associa e pode representar as mesmas figuras para nomes que o meu povo Katokinn utiliza.

Vejamos o Quadro 3 a seguir como um banco de referência geral para caracterizar que a variação linguística é muito mais ampla e diversificada do que posso identificar em minha comunidade, povo Katokinn. A variação dessas palavras que fazem referência aos termos técnicos foi coletadas na internet por meio da Wikipédia e outros endereços eletrônico como estão referenciados em cada célula de descrição.

Quadro 3: Significados dos temas técnicos dos itens utilizados nas entrevistas

Termo técnico ou padrão linguístico	Outros nomes desses termos enquanto variações no vocabulário linguístico
1: Short	Short – Vestuário. Espécie de calça mais curta ou de tamanho inferior às bermudas, geralmente de uso informal ou esportivo, e que se fixa à cintura através de cintos, botões etc. (Etimologia (origem da palavra short). Do inglês shorts). https://www.dicio.com.br/short/ Shorts são peças de vestuário que cobrem a área pélvica e a parte superior das pernas, geralmente até os joelhos, usadas por seu conforto em climas quentes. Esta vestimenta, originada como "calças curtas" no final do século XIX para esportes, ganhou popularidade como roupa de verão a partir da década de 1930. Tradicionalmente sem bolsos e ajustados à cintura, são usados tanto por homens quanto por mulheres, sendo feitos de materiais como algodão e fibras sintéticas. No Brasil, tornaram-se populares como roupa casual, esportiva e de banho, destacando-se por sua praticidade e conforto. (Wikipedia. Short. Setembro e novembro de 2024. [contradição no próprio google] Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Shorts [inglês] e https://fr.wikipedia.org/wiki/Short [francês] acesso em 24/11/2024).
2: Brinquedo	Brinquedo – Objeto usado como para o divertimento, e com o qual crianças brincam. https://www.dicio.com.br/brinquedo/ Brinquedo é um objeto ou atividade lúdica voltada principalmente para o lazer infantil, mas também utilizada por adultos, que promove diversão e aprendizado. Na pedagogia, brinquedos são ferramentas essenciais para o desenvolvimento simbólico, imaginação, raciocínio e autoestima das crianças, desempenhando um papel crucial na socialização e educação. Além disso, são utilizados em Ludoterapia para ajudar crianças com problemas emocionais ou comportamentais. Exemplos de brinquedos são: caminhõezinhos, carrinhos em miniatura, bonecas, bolas, ursos de pelúcia, cavalinhos de pau, ioiôs e action figures. (Wikipedia. Brinquedo. Julho de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Brinquedo acesso em 24/11/2024). Kalunga, imagem de divindade, boneco, caricatura, figura desenhada por criança. (dicionário brasileiro globo 36, ed.-1994,São paulo) ?
3: Copo	Copo – Vaso geralmente cilíndrico, que de ordinário se usa para beber líquidos. https://www.dicio.com.br/copo/ O copo é um recipiente feito de vidro, plástico e outros materiais, de formato cilíndrico, sem tampa e usado para acondicionar pequenas porções de líquidos. (Wikipedia. Copo. Novembro de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Copo acesso em 24/11/2024). Caneca, caneco, copo. (dicionário brasileiro globo 36 ed.-1994 São Paulo) ?

4: Tigela	Tigelas – Vaso redondo de barro, louça ou metal, sem asas, usado para servir caldos, sopas; o conteúdo desse vaso. Recipiente circular que vai ao forno. https://www.dicio.com.br/tigela/ Tigelas são recipientes hemisféricos, sem tampa ou pegas, feitos de diversos materiais como metal e cerâmica, usados para misturar, servir ou armazenar alimentos. Essenciais na culinária global há milênios, variam de simples a elaboradas, e em certas culturas, como a chinesa, são usadas com colheres ou hashis. Também conhecidas como gamela, vasilha e bacia (grandes ou pequenas). (Wikipedia. Tigela. Outubro de 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tigela acesso em 24/11/2024). Nisso se enquadra a compreensão de cuia a partir do fruto da cuieira, coité ou cabaça, é utilizada como recipiente para bebidas como chimarrão e tacacá, podendo ser ricamente ornada. Além de ser chamada cabaça ou coité, a cuia também serve como unidade de medida no nordeste brasileiro e é usada para armazenar, misturar alimentos e água. (Wikipedia. Cuia. Novembro de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tigela acesso em 24/11/2024). Espécie de xícara grande sem asa de louca metal ou barro, malga vasilha que se coloca logo abaixo do corte dado na seringueira, disco que levam doces (dicionário brasileiro globo 36, ed.- 1994 São paulo): https://www.sinonimos.com.br/tigela/#:~:text=10%20sin%C3%B4nimos%20de%20tigela%20para,%2C%20sopeira%2C%20cunca%2C%20conca acesso em 24/11/2024)
5: Cubo	Cubo – Paralelepípedo retângulo cujas arestas são todas iguais. (O volume de um cubo se obtém multiplicando três vezes por si mesmo o comprimento de seu lado.). https://www.dicio.com.br/cubo/ O cubo, ou hexaedro regular, é um poliedro com 6 faces quadradas congruentes, 12 arestas e 8 vértices, formando um dos cinco sólidos platônicos. Ele serve de base para a compreensão de objetos como dados e é conhecido como Bozó, que é parte de um jogo de dados, estratégico que mescla sorte com raciocínio lógico. (Wikipedia. Cubo / Bozó. Setembro de 2021; março de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cubo e https://pt.wikipedia.org/wiki/Boz%C3%B3_(jogo) acesso em 24/11/2024). Hexaedro regular com 6 faces, multiplicar por três vezes por si mesmo. Wikipédia, a enciclopédia livre. https://g.co/kgs/tXvTWeC acesso em 24/11/2024)
6: Coco	Coco – [Botânica] Fruto do coqueiro grande e oval, com casca dura e impermeável; se verde, possui em seu interior um líquido (água de coco); se já maduro, este mesmo líquido torna-se uma espécie de polpa branca; [Botânica] Mesma designação de coqueiro; [Botânica] Aparência ou aspecto comum de muitas palmeiras possuidoras de frutos, normalmente, menores <i>Cocos nucifera</i>; Tipo de reservatório; cabaça; Por analogia ao fruto do coqueiro, designação comum para cabeça: levou um tapa no coco. [Informal] Grande quantidade de dinheiro; Espécie de ser monstruoso que aterroriza crianças; [Regionalismo: algumas regiões do

	Brasil] Tipo de dança de roda; [Música] Cantiga que conduz essa dança. https://www.dicio.com.br/coco/ Coco refere-se à palmeira Cocos nucifera e seu fruto, e o nome tem origem no galego-português “côco”, significando crânio ou cabeça, também associado ao personagem mitológico “coco”. (Wikipedia. Coco. Maio de 2024. Disponível em: https://gl.wikipedia.org/wiki/Coco acesso em 24/11/2024). Syagrus coronata, dicuri, adicuri, ouricuri, licuri, alicuri, aricuí, aricuri, butiá, butiazeiro, coco-cabeçudo, coqueiro-cabeçudo, iricuri, licurizeiro, nicuri, uricuri, urucuriiba, nicuri-de-caboclo e Urucuri (Wikipedia. Syagrus coronata. Maio de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Syagrus coronata acesso em 11/11/2024).
7: Funda	Funda – Arma de arremesso formada por uma peça central presa a duas tiras de couro; Provavelmente a primeira arma a ser concebida para lançar uma pedra com mais força do que um homem poderia ter só com o braço e a mão. https://www.dicio.com.br/funda/ Uma funda ou fundíbulo é uma arma de arremesso constituída por uma correia ou corda dobrada, em cujo centro é colocado o objeto que se deseja lançar. Também chamada de atiradeira, catapulta ou estilingue, embora alguns desses nomes possam remeter a tipos de armas de arremesso específicos. (Wikipedia. Coco. Junho de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Funda acesso em 24/11/2024). Estilingue, atiradeira, baleadeira, funda, bodoque, badogue, setra, fiska e xifuta (Wikipedia. Estilingue. Março de 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estilingue acesso em 11/11/2024).
8: Recipiente	Recipiente – Vaso, caixa, todo objeto que pode conter alguma coisa; receptáculo; Campânula de máquina pneumática, destinada a receber os corpos com que se fazem experiências no vácuo. https://www.dicio.com.br/recipiente/ Um recipiente é qualquer receptáculo ou invólucro para armazenar um produto usado no armazenamento, embalagem e transporte. (Wikipedia. Recipiente. Agosto de 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Recipiente acesso em 11/11/2024). Vasilha, receptor, reservatório, vasilhame, vaso, jarro, jarra, frasco pote, contentor, embalagem, forma, invólucro. (Dicionario online de sinonimos, Disponível em: https://www.sinonimos.com.br/recipiente/ ?
9: Órgão olfativo	Nariz – Parte saliente do rosto, entre a boca e a testa, que é o órgão do olfato. https://www.dicio.com.br/nariz/ Nariz é a parte externa do sistema respiratório dos humanos e de alguns animais, é o órgão do olfato e a principal via de passagem do fluxo de ar para dentro e para fora dos pulmões. O nariz também adiciona ressonância à voz humana. (Wikipedia. Nariz. Setembro de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nariz acesso em 24/11/2024).

	Vento, cheiro, fardo, nariz, olfação, ventas. Dicionário online de sinônimos 2011. https://www.sinonimos.com.br/olfato/ acesso em 24/11/2024) O órgão olfativo, ou nariz, é responsável por captar odores do ambiente e enviar esses estímulos ao cérebro para interpretação. Faz parte dos órgãos dos sentidos, transformando estímulos sensoriais em impulsos nervosos que o cérebro traduz em sensações de cheiro. (Wikipedia. Órgão dos sentidos. Agosto de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93rg%C3%A3os_dos_sentidos ou https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93rg%C3%A3os_dos_sentidos acesso em 24/11/2024).
10: Calçado	Calçado – Que tem calço; Que tem os pés metidos em botas etc.; Tudo que se mete nos pés por cima da meia ou sobre a pele. https://www.dicio.com.br/calçado/ Calçado é um acessório de vestuário destinado a proteger os pés, variando amplamente em forma e função, e frequentemente acompanhado por meias para maior conforto. Além de proteção, serve como distinção social e expressão de moda, com designs influenciados por tendências culturais e de época. (Wikipedia. Calçado. Julho de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cal%C3%A7ado acesso em 24/11/2024). Bota, Botina, calcante, chinelo, sandália, sapato, tênis. Dicionário online de sinônimos. Disponível acesso 24/11/2024)
11: Beiju	Beiju – [Brasil] Bolo feito de massa de tapioca ou de mandioca, muito fina. https://www.dicio.com.br/beiju/ Beiju é uma iguaria indígena feita de tapioca, que se transforma em uma panqueca seca quando aquecida, e é consumida na Argentina, Paraguai e Brasil. No Brasil, possui variações como beiju de lenço e de carne seca, sendo tradicionalmente preparado em fornos comunitários rurais. (Wikipedia. Beiju. Novembro de 2024. Disponível acesso em 24/11/2024). https://pt.wikipedia.org/wiki/Beiju A tapioca, também conhecida como goma, é o amido da mandioca usado em pratos brasileiros como o beiju; a distinção entre os dois está na preparação, com o beiju usando a massa da mandioca e a tapioca utilizando a fécula. (Wikipedia. Tapioca. Novembro de 2024. Disponível em: Wikipédia, a enciclopédia livre acesso em 24/11/2024). Beijuguacu, beijucica, beijucuruba, beijuguacu, beiju-membeca, beiju-moqueca, beiju-poqueca, beijuteca, beijuxica, biju, biroro, malcasado, sarapo, tapioca. (oxford languages and google. Disponível em: https://g.co/kgs/SqS6Cz4 acesso em 24/11/2024).

Fonte: Organização da autora a partir de pesquisa no Dicionário Online de Português (<https://www.dicio.com.br>) e Wikipédia (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia>).

Este Quadro 3 apresenta um olhar detalhado das variações linguísticas associadas aos termos técnicos para as imagens utilizados nas entrevistas, evidenciando a riqueza e diversidade do vocabulário contextualizado em uma perspectiva mais ampla. Utilizamos Dicionário Online

de Português como um recurso para interpretação por seu caráter mais padrão da língua portuguesa, bem como no sentido de investigar noções em fontes mais confiáveis para serem usadas como dados para esta pesquisa. Além disso, utilizamos a Wikipédia como uma fonte de conhecimento online que é uma enciclopédia livre que pode ser editada por qualquer pessoa. O uso da Wikipédia, portanto, pode apresentar uma fragilidade no referencial teórico. O que confere interesse e validade no uso dessas duas fontes online, para este trabalho de conclusão de curso, é o fato de olharmos para dados do conhecimento mais formal (Dicionário Online de Português) e para dados do conhecimento mais popular (Wikipédia).

A variedade de nomes para itens comuns, como “short” e “copo”, reflete não apenas a adaptabilidade linguística do povo Katokinn, mas também a sua capacidade de integrar influências externas em seu vocabulário diário. Por exemplo, enquanto no contexto Katokinn um “copo” pode ser chamado de “caneca” ou “caneco”, em uma perspectiva mais global, este objeto é reconhecido por suas funções e formas diversas, que variam amplamente em diferentes culturas regionais e nacionais. Comparativamente, os dados do conhecimento mais formal (Dicionário Online de Português) e para dados do conhecimento mais popular (Wikipédia) – acerca das palavras “Tigela” e “Funda”, por exemplo, podemos perceber que o critério de formalidade da língua oculta uma compreensão mais funcional enquanto o olhar mais livre e popular situa marcas de percepção do saber comum e, portanto, mais funcional. Não negamos ou afirmamos a validade de qualquer uma das fontes, apenas colocamos em observação duas fontes de dados que si distinguem pela ótica da formalidade padrão (Dicionário Online de Português) e pela ótica do comum popular (Wikipédia – uma vez que é uma enciclopédia livre).

Este quadro de variação linguística não apenas expõe a flexibilidade das palavras que utilizamos para nos referirmos aos objetos ilustrados no Quadro 1, mas também sugere uma interseção rica entre o contexto local (do meu povo Katokinn) e o contexto global (outros povos indígenas e não indígenas). A forma como nós, os Katokinn, nos referimos a objetos comuns, como “estilingue” ou peteca, referentes ao termo técnico “funda”, também conhecida como “atiradeira” em outros contextos, sublinha uma interação contínua entre a tradição e a modernidade no uso da língua. Essa análise aponta para a necessidade de estudos adicionais para entender como essas variações linguísticas são percebidas e adaptadas fora do contexto Katokinn, oferecendo uma visão sobre como a linguagem pode servir como uma ponte entre diferentes identidades culturais. Desta forma, o Quadro 3 reforça que, embora a fala Katokinn possa ser vista como algo que “não tem graça” por alguns, ela é intrinsecamente significativa e rica não apenas em contexto cultural local, mas integrada com os significados de toda a

sociedade, pois interagimos com ela, a entendemos e podemos ser entendidos em nossa própria maneira de falar.

4.3 Resultados da coleta de dados em momentos familiar, ritualísticos e com amigos

Descrevo aqui, neste subtópico, a coleta de dados realizada de forma livre em observação aos momentos de interação comum nos contextos familiares, nos contextos ritualísticos de práticas religiosas e contextos de interação entre amigos. Tudo isso dentro da comunidade Katokinn com o propósito de explorar e ampliar a explicação de porque a “minha/nossa fala “não tem graça”, tem explicação” por meio da variação linguística situacional. A partir do momento em que o projeto de pesquisa estava pronto e sabia o que queria estudar, organizei um caderno de anotações e comecei a observar e anotar a variação linguística nessas situações em meu povo Katokinn. Em três momentos registrei as palavras que percebia no sentido da variação, meu objeto de estudo e aquilo que “não tem graça”, tem explicação.

4.3.1 Interpretação dos dados coletados em momentos em família

Em momentos em família os encontros de maior interação acontecem por motivo comemorativos ou de festas, onde todos dividem o mesmo espaço de descontração, seja dentro de casa ou nos arredores, temos muitos momentos como as horas das refeições, contar histórias, falar sobre questões que alguém está enfrentando, novidades ou algo que vai acontecer noutros momentos para a comunidade ou nos arredores de Pariconha-AL. Nesses momentos, são recorrentes as palavras “mainha” e “painho”, que se refere aos termos padrão de “mãe” e “pai”, que é uma variação linguística que, com base Bagno, quando se fala em palavras como “mainha” e “painho”, que são variações de “mãe” e “pai”, é importante entender que esses termos são uma adaptação fonética para facilitar a fala. Além disso, essas palavras têm um tom afetivo, usado para expressar carinho e proximidade.

No quadro a seguir, trago alguns exemplos de palavras expressas dentro de minha comunidade, especificamente no contexto familiar, e como elas são conhecidas fora de nossa instância entre o padrão e alguma outra variação regional nordestina.

Quadro 4: Variação linguística de momentos com a família

MOMENTOS EM FAMÍLIA		
PORTUGUÊS PADRÃO	COMUNIDADE KATOKINN	NORDESTE BRASILEIRO
Mãezinha	Mainha	Mãezinha
Comida	Dicomer	Almoço ou jantar
Filha, Filho	Fia Fio	Filha, filho
Tapioca	Beiju	Tapioca
Baião de dois	Rubacão	Baião de dois
Cobiçar comida	Ingurejar	Comer com os olhos
Briga	Arenga	Briga
Paizinho	Painho	Paizinho
Deprimido	Amuado	Deprimido
Teimosia	Piega	Teimosia

Fonte: A autora

A análise dos dados coletados em momentos familiares revela uma rica tapeçaria de variações linguísticas que caracterizam a fala do povo Katokinn. O Quadro 4 ilustra como expressões familiares, como “mainha” e “painho”, adotadas no cotidiano, transcendem o simples uso linguístico, incorporando elementos culturais e afetivos que fortalecem os laços comunitários. Essas variações não são meras distorções da língua padrão, mas sim adaptações que refletem a intimidade e a identidade cultural dos falantes, uma questão que entendo não apenas própria do nosso povo, mas que, talvez, se estende para outras culturas. A informalidade dessas expressões não reduz seu valor; pelo contrário, confere autenticidade e singularidade à comunicação, demonstrando que o que “não tem graça” percebida por outros (ou por mim mesma) é, na verdade, uma manifestação profundamente enraizada de identidade e pertencimento.

A linguagem usada em contextos familiares na comunidade Katokinn, como “dicomer” para refeição ou “ingurejar” para cobiçar comida, exemplifica como o vocabulário é adaptado não apenas por necessidade expressiva, mas também por incluir nuances emocionais e sociais que são compreendidas internamente. Ao interpretar essas variações, percebe-se que a língua

serve como um elo entre tradição e vivência contemporânea, reforçando a resistência cultural Katokinn frente a externalidades que podem tentar homogeneizar suas expressões. Assim, a fala “não tem graça” é, na realidade, uma forma robusta de expressão coletiva, que celebra a diversidade interna e desafia a visão padronizada do que é considerado normativo na língua. Essa construção linguística, portanto, é uma importante composição para a continuidade cultural e a autoexpressão do meu povo Katokinn.

4.3.2 Interpretação dos dados coletados em momentos culturais na comunidade

Nos momentos culturais da comunidade Katokinn, a comunicação se dá em um contexto de situação formal indígena, mas apenas situacional, não linguístico, pois esses momentos são permeados por uma informalidade que espelha a intimidade e a compreensão mútua entre os participantes. Durante eventos como o toré, festividades e contação de histórias, as palavras são utilizadas de forma simples e direta, refletindo a conexão intrínseca dos indivíduos com sua cultura e história. Essa interação se caracteriza pela ausência de formalidades linguísticas desnecessárias, já que o entendimento está enraizado nas experiências compartilhadas, na história comum e nos laços comunitários a muito enraizados. O Quadro 5 a seguir apresenta algumas das palavras que compõem a variação situacional.

Quadro 5: Variação linguística de momentos culturais com a comunidade

MOMENTOS CULTURAIS²		
PORTUGUES PADRÃO	COMUNIDADE KATOKINN	NORDESTE BRASILEIRO
Argila	Toa	Barro
Bolsa	Aio	Bolsa
Caroá	Croá	Caroá
Estilingue	Peteca	Estilingue
Coquinho	Dicuri	Coquinho
Cachimbo	Campio	Cachimbo
Cabaça	Cuia	Cabaça
Entidades	Encantados	Entidades

² Momentos culturais, aqui, significam a vivência conjunta da comunidade nas apresentações de rituais e encontros, bem como festividades com sentido de e manutenção dos saberes do povo Katokinn.

Dupla	Parea	Dupla
Assombração	Visagem	Assombração

Fonte: A autora

A interpretação desses dados no Quadro 5 mostra que a variação linguística em momentos culturais é um reflexo da identidade coletiva e da herança cultural Katokinn. Termos como “croá”, “peteca” e “dicuri”, com raízes indígenas, não são apenas palavras, mas símbolos de resistência e afirmação cultural. Apesar de algumas palavras, como “campio”, não terem uma origem claramente documentada, são tão enraizadas no vocabulário local que se tornam naturais para nossa comunicação interna – e desconhecidas para pessoas não indígenas. A informalidade dessas expressões não as torna menos significativas, pelo contrário, elas carregam um profundo sentido de pertencimento e continuidade cultural de nosso povo.

Como nos encontros familiares, a linguagem em momentos culturais marca a informalidade da fala Katokinn, que “não tem graça” para os padrões linguísticos externos, mas é rica em significados sociais e culturais. Esta informalidade não apenas facilita a comunicação, mas fortalece os nossos laços comunitários, preserva tradições e permite que os valores e histórias culturais sejam transmitidos de geração em geração. Assim, a linguagem utilizada é uma forma substancial para a manutenção da identidade cultural Katokinn, assegurando que sua herança seja vivida e compreendida em cada palavra falada – entre nós. Essa relação entre linguagem e cultura é um elo vital que, enquanto se mantém simples e despretensiosa, carrega o poder de manter viva a história e a alma da comunidade.

4.3.3 Interpretação dos dados coletados em momentos com amigos na comunidade

Nos momentos de interação entre amigos na e da comunidade Katokinn, a nossa interação ocorre de modo informal e descontraída, onde nossa linguagem é usada de forma livre e espontânea. Esse contexto situacional favorece o uso de expressões linguísticas que revelam uma intimidade entre nós os falantes, pois ela é resultado de nossas experiências, lutas e interesses comuns, pois as vivenciamos regularmente. A informalidade linguística aqui não só é aceita como valorizada, pois todos compartilham um entendimento mútuo, que vai além das palavras e está enraizado na vivência cotidiana e no nosso compartilhamento cultural.

O Quadro 6 vai apresentar um pouco da variação linguística de nossos momentos de interação como amigos. As palavras no quadro foram coletadas em conversas com os amigos ou os observando em conversas paralelas, todas foram registradas em um caderno de notas que já carregava comigo para coletar a variação linguística situacional, correspondem aos

momentos de descontração, o qual conversamos “livremente”, e deixamos nossa maneira simples de falar fluir. Isso é importante destacar porque não nos preocupamos em como falar, se essa maneira é errada ou se é certa, pois nós nos entendemos na naturalidade comunicativa entre nós.

Quadro 6: Variação linguística de momentos com amigos

MOMENTOS COM AMIGOS		
PORTUGUES PADRÃO	COMUNIDADE KATOKINN	NORDESTE BRASILEIRO
Morar Juntos	Amancebado	Companheiros
Perdido	Ariado	Perdido
Minha Irmã	Mermã	Minha Irmã
Coisa Feia	Marmota	Coisa Feia
Pessoa Gaiata	Fuleira	Palhaça
Chamego	Chumbrego	Chamego
Pessoa Impulsiva	Atroada	Sem Juízo
Frescura	Pantim	Frescura
Venenosa	Língua Firina	Venenosa
Peito	Titela	Peito

Fonte: A autora.

Essas do quadro se assemelham com expressões linguísticas de nossa maneira de falar, mas são palavras de nossa variação linguística coletadas em momentos de convivência com amigos. Elas destacam a maneira como a linguagem Katokinn adota e adapta termos regionais de forma única, preservando o espírito de camaradagem e pertencimento. Palavras como “amancebado” e “fuleira” ilustram uma forma de comunicação que é direta e colorida, muitas vezes carregada de humor e nuances que só os membros da interação na situação específica entendem totalmente. Essa informalidade, vista por alguns como algo que “não tem graça”, é, na realidade, um reflexo da autenticidade e da simplicidade inerentes aos laços de amizade dentro da comunidade.

A fala entre amigos é uma manifestação genuína de cumplicidade e intimidade cultural. Diferente do que é considerado padrão ou correto nas normas externas, essa linguagem é eficaz e significativa para quem a utiliza, reforçando relações e transmitindo afeto e compreensão. A informalidade aqui é uma ferramenta de conexão, que fortalece a identidade coletiva e a

preservação cultural Katokinn, permitindo que a comunidade se expresse de maneira fiel à sua realidade e valores. A seguir vamos dialogar de modo que possamos integrar a interpretação com os dados apresentados.

4.4 Interpretação integrada e compreensão dos dados

A análise dos dados coletados nos tópicos 4.1, 4.2 e 4.3 revela um panorama da variação linguística da minha comunidade que constitui o povo Katokinn. Seja em contextos familiares, culturais ou entre amigos, a linguagem surge como um elemento da nossa identidade cultural, que está enraizada em tradições e questões de adaptação às influências contemporâneas. A minha/nossa maneira de falar “não tem graça”, tem explicação porque está ligada à resistência cultural, à educação e à interação com outras culturas e tecnologias modernas, ainda que de forma externa.

Essa pesquisa demonstra a importância de reconhecer e valorizar as variações linguísticas como expressões legítimas da cultura e da história de um povo. No caso do meu povo Katokinn, essas interações linguísticas não só desafiam preconceitos, mas também celebram a riqueza de uma identidade coletiva que se articula através da linguagem. Em um contexto mais amplo, essa investigação pode servir como um exemplo para outras comunidades indígenas, promovendo o diálogo intercultural e o respeito às diversidades linguísticas de cada um.

A fala Katokinn, ainda que vista como algo que “não tem graça” pela norma padrão, é um testemunho de sua vitalidade e relevância social e cultural. Através das palavras, o povo Katokinn compartilha suas histórias, suas esperanças e suas realidades cotidianas como uma forma de manter viva nossas tradições em um mundo cada vez mais cheio de interações tecnológicas e recursos de globalização. Entendemos que essa interação linguística com tantos aspectos externos e internos envolvidos é um ponto de compreensão de que a língua consiste em um dos elementos mais resilientes e adaptáveis da identidade cultural em que eu e meu povo Katokinn nos envolvemos.

Para aproveitar os resultados desta pesquisa, apresento no tópico a seguir uma ideia de planejamento de aula para a educação básica com a intenção de explorar a variação linguística situacional. A sugestão proposta tem como ideia que os estudantes podem ser incentivados a identificar e discutir variações linguísticas e sinonímicas das palavras do Quadro 2, promovendo um diálogo sobre identidade cultural e respeito pela diversidade linguística.

5 APRESENTAÇÃO DE UM PLANO DE ATIVIDADE DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Nesta seção, construímos uma ideia de plano de atividade didático-pedagógica com o propósito de indicar uma possível aplicabilidade desta pesquisa de conclusão de curso ao ensino nas escolas indígenas. Desse modo, esta seção consiste em um esboço geral que organiza as ideias para a realização de atividades práticas acerca da variação linguística da fala e da oralidade, em observação de perspectiva, enquanto padrões linguísticos, e realidade enquanto prática de língua/linguagem cotidiana e comum aos membros de uma família, colegas de escola e comunidade onde se vive. Assim, segue o planejamento como proposta.

“Minha fala “não tem graça”, tem explicação”

Público-alvo: Adolescentes indígenas do ensino médio da comunidade Katokinn.

Objetivos da atividade em sala de aula: Despertar a consciência linguística sobre a variação e os preconceitos linguísticos; e valorizar a diversidade linguística do povo Katokinn, mostrando que cada forma de falar tem sua razão e importância.

Resultados esperados: Ao final das atividades, espera-se que os alunos estejam mais conscientes da importância da nossa língua/linguagem e cultura indígena Katokinn e sua interação com as outras comunidades ou povos vizinhos. E, esperamos que eles estejam prontos para promover a valorização desta consciência dentro e fora de nossa comunidade.

Conteúdos: 1) Variação linguística; 2) Preconceito linguístico; 3) Vocabulário comum do povo Katokinn.

Metodologia: Sequência didática

1 Introdução ao tema

Iniciar a atividade com uma breve explicação sobre a importância da diversidade linguística.

Mostrar que diferentes formas de falar refletem a identidade cultural e a história de um povo.

2 Exposição dialogada

Apresentar as palavras do vocabulário comum do povo Katokinn (ex.: “cuia”, “dicuri”, “estilingue”, “beiju”, “short”) e suas variações;

Discutir com os alunos as possíveis razões para as variações linguísticas e como são percebidas socialmente no conjunto de sinônimos.

3 Atividade em grupos

Dividir os alunos em pequenos grupos;

Cada grupo deve listar palavras ou expressões do cotidiano que são únicas para sua comunidade ou que possuem variações;

Compartilhar as listas com a turma, discutindo as diferentes percepções e possíveis preconceitos.

4 Dinâmica de sensibilização

Realizar uma dinâmica onde cada aluno deve falar uma frase utilizando uma variação linguística comum em sua comunidade e explicar seu significado e contexto;

Promover uma roda de conversa onde todos expressam como se sentem em relação aos comentários ou dúvidas que já ouviram sobre sua forma de falar.

5 Reflexão coletiva

Propor uma reflexão sobre como o preconceito linguístico afeta a autoestima e a identidade cultural;

Estimular os alunos a pensarem em maneiras de combater o preconceito linguístico em sua comunidade.

6 Recursos didáticos

Quadros e cartazes com palavras e suas variações;

Imagens e ilustrações que representem a cultura e o cotidiano do povo Katokinn;

Materiais simples como papel, canetas coloridas e cartolina para a atividade em grupos.

7 Atividade de encerramento

Cada aluno deve escrever uma pequena história ou texto usando as palavras discutidas, destacando o valor da diversidade linguística;

Incentivar a apresentação dos textos, promovendo um ambiente de respeito e valorização das diferentes formas de expressão.

8 Avaliação

Observação participativa durante as atividades em grupo e a dinâmica;

Avaliar a participação dos alunos nas discussões e na capacidade de refletir sobre o tema;

Análise dos textos produzidos, considerando a capacidade de integrar o vocabulário discutido e a compreensão da importância da diversidade linguística.

9 Considerações finais na ação da aplicação da atividade

Reforçar que a língua é um patrimônio cultural importante que deve ser celebrado e preservado;

Encorajar os alunos a serem defensores da diversidade linguística, reconhecendo sua riqueza e contribuindo para um ambiente de respeito e inclusão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo deste TCC, com o título MINHA FALA NÃO TEM GRAÇA, TEM EXPLICAÇÃO: UM ESTUDO DA VARIEDADE LINGUÍSTICA DO POVO KATOKINN, a palavra “minha” representa “nossa”, pois, como membro e parte deste povo e pesquisadora em letras, venho explicar o que a nossa variedade linguística significa. Como apresentamos na introdução, este trabalho faz um breve levantamento da variação linguística situacional encontrada exclusivamente na comunidade Katokinn, tendo como foco as particularidades e maneiras de falar.

A pesquisa, conduzida por mim, enquanto pesquisadora indígena Katokinn – com foco em entrevistas espontâneas e coleta de dados de modo descontraído, revela como nossa linguagem usada é moldada pelo contexto e pelas interações situacionais em nosso contexto. Isso destaca como a sociolinguística pode revelar os valores comunicativos e situações particulares que existem dentro de um espaço cultural específico, oferecendo uma visão mais real da nossa dinâmica linguística local. Isso pode ser auxiliar para o desenvolvimento do conhecimento linguístico e comunicativo para o ensino nas escolas, principalmente as indígenas, pois se relaciona com a realidade e como nós mesmos falamos e nos entendemos.

Nesta minha pesquisa, a abordagem ou metodologia autoetnográfica me ajudou na exploração da variação linguística Katokinn e me colocando como parte deste povo, valorizando a realidade, não apenas um olhar de fora sobre isso explorado. Eu, a pesquisadora, sendo parte deste povo, utilizei minhas experiências para enriquecer a análise, destaquei o modo como falamos em relação com a moldura da influência do contato com a diversidade linguística do português não indígena que nos forçou a perder a grande parte de nosso vocabulário e maneira de falar original. A experiência de estudo na graduação em letras, no CLIND, bem como na revisão de literatura que tive que ler para realizar esta pesquisa, torna minha própria voz, a minha voz de pesquisadora, como essencial para dar autenticidade e realidade à pesquisa, a compreensão de como nossa fala do povo Katokinn é em suas dinâmicas linguísticas e culturais, bem como ela se explica pelo funcionamento da linguagem na maneira como nos entendemos uns aos outros em nossas interações situacionais.

Achei a metodologia autoetnográfica de Chang (2016) muito importante para mim porque posso me encontrar no dizer que “Essa experiência de fazer pesquisa “de dentro”, segundo Tuhiwai Smith (ibidem: 17) tem implicações para os pesquisadores “de fora”, que buscam desenvolver “pesquisas biculturais, pesquisas de parceria e pesquisa multidisciplinar”” (Cavalcanti, 2006, p. 251). Essa metodologia me ajudou a ser eu mesma com os atributos de

indígena, parte do povo Katokinn, mulher, filha de alguém, irmã e amiga, esposa e mãe, trabalhadora e professora, estudante e pesquisadora em letras. Eu não posso deixar de ser tudo isso e outras coisas humanas para realizar um estudo e com essa metodologia encontrei um pouco de meu fôlego, pois se fosse para fazer com toda aquela formalidade toda de outras metodologias de pesquisa eu não conseguiria sair nem do lugar.

Devo ressaltar a importância do conhecimento e entendimento da linguagem de um povo, independentemente do povo, raça ou etnia, respeitando seu modo de ser ou falar. É importante valorizar o que cada um traz na vivência de lutas, conflitos e resistência. Essa é a explicação de porque minha fala “não tem graça”, pois é significado de nossas vivências, de nossa realidade, de nossa simplicidade nas interações situacionais e informais.

Espero que essa pesquisa possa ser aceita como tal em reconhecimento da metodologia do objeto de estudo da linguagem centrada nas situações de interação comum e informal como objeto de estudos. Nesse sentido, considero que ao falar sobre esse assunto outras pessoas possam olhar para nossa realidade interativa sem julgamentos. Espero que toda linguagem tenha seu valor de ser o que é e como é sem especulação preconceituosa nos contextos comuns nas relações familiares, comunitárias e entre amigos. Anseio que aquilo sobre preconceito linguístico e variação linguística situacional tragam fundamentos para estudo da linguagem em sua realidade situacional, com suas variações típica e natural entre os falantes.

Quero deixar claro que não estou afirmando que não devemos ter o conhecimento da língua padrão, mas sim que devemos respeitar qualquer forma de linguagem e não menosprezar o “linguajar” só porque é diferente de quem observa de fora. Nisso, destaco que o padrão se aplica ao conhecimento de língua escrita e que a diversidade e variação linguística são partes de uma realidade que também varia bastante na interação comum das relações familiares, culturais da comunidade e entre amigos.

Anseio que este trabalho sirva de base para novos estudos e contribuição para o entendimento da realidade comunicativa e nossa interação indígena do povo Katokinn. Assim, espero ter contribuído com os estudos de linguagem no campo das letras.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56ª ed. revista e ampliada- São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- CAVALCANTI, Marilda. 2006. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In: Luiz Paulo da Moita-Lopes. Ed. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola. p. 233-252.
- CHANG, Heewon. Part II Collecting Autoethnographic Data. In: CHANG, Heewon. **Autoethnography as method**. Routledge, p. 59-112, 2016.
- DOS SANTOS, Camila Matzenauer; BIANCALANA, Gisela Reis. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. **Revista Aspas**, 2017, 7.2: 53-63. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v7i2p53-63> Acesso em 11/12/2024.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. Modelos culturais: teoria, estudos e métodos. **Linguagem em (Dis) curso**, 2018, 18.1: 193-213. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/WK8sfRSVMRCKKVwYVQDBbzg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 11/12/2024.
- MOITA-LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi (Compilador); ROCA, Pilar (Autor). **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, p. 11-24, 2009.
- PAIVA, Vera L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.
- PAIVA, Vera L. M. O. **Pesquisa**: projeto, geração de dados e divulgação. São Paulo: Parábola, 2024.
- SANTOS, Georgiana M. O. Fundamentação teórica. In: SANTOS, Georgiana M. O. **Um saber semioticamente construído**: a visão de mundo no léxico do Quilombo Jarmy dos Pretos - Turiaçu/MA. 2013. 202f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2013, p. 57-89. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/9177> Acesso em 11/11/2024.
- SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães, et al. Estudos em sociolinguística de contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate. **Cadernos de linguística**. Campinas, SP. Vol. 2, n. 1 (jan. 2021), p. 1-28, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/221212/001125327.pdf?sequence=1> Acesso em 11/11/2024.
- SEKI, Lucy. A linguística indígena no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 1999, 15: 257-290. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/5GfsKZSJxXQhXNWFV6vWN8j/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em 11/11/2024.

WIKIPÉDIA, A enciclopédia livre. Etnolinguística. **WIKIPÉDIA**, página editada pela última vez em 15 julho de 2024. Disponível em:

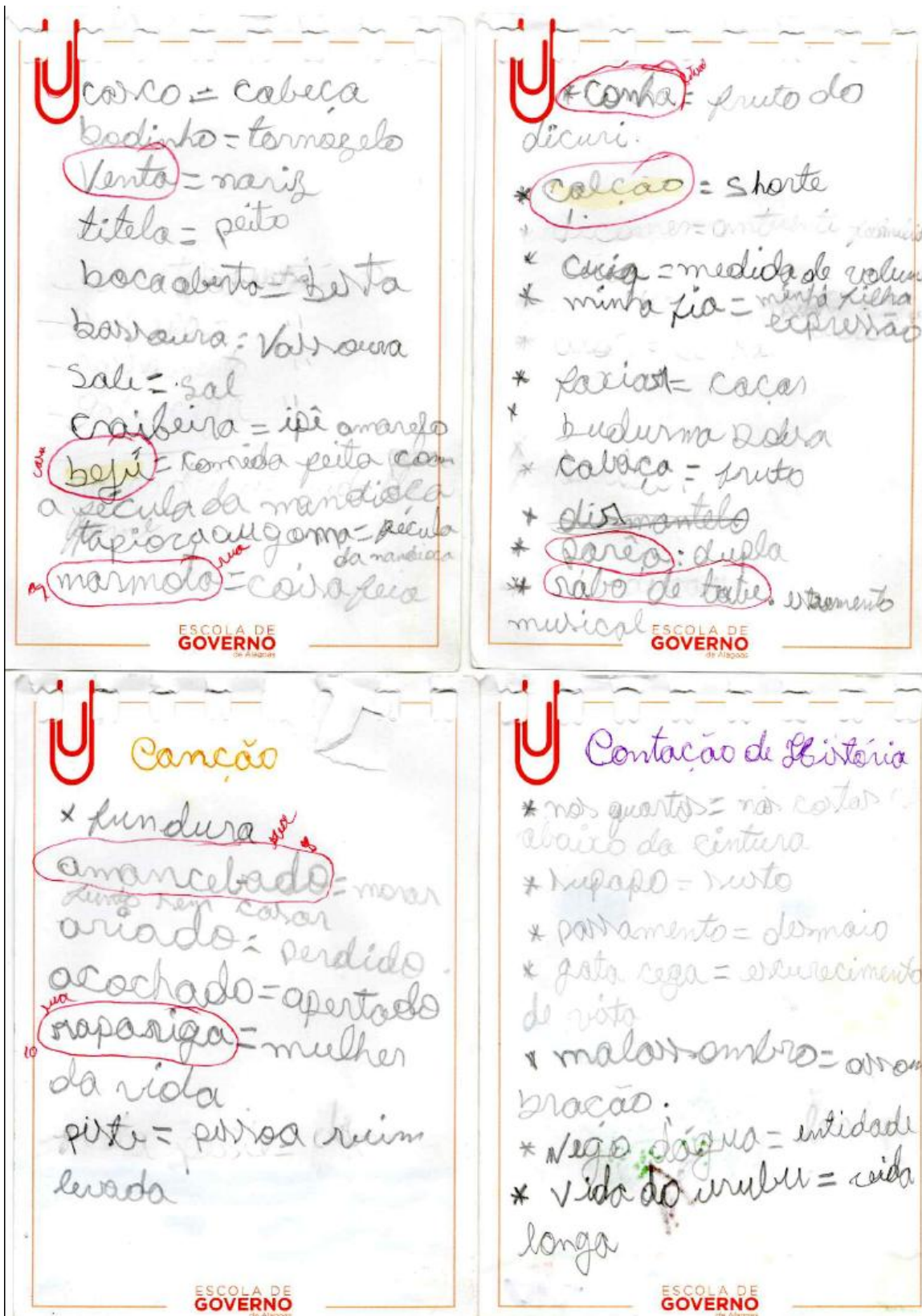
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Etnolingu%C3%ADstica#Notas>. Acesso em: 17 agosto de 2024.

WIKIPEDIA, Lá enciclopedia libre. Autoetnografía. [tradução automática]. **WIKIPEDIA**, Página editada pela última vez em 23 de janeiro de 2024. Disponível em:

<https://es.wikipedia.org/wiki/Autoetnograf%C3%ADa>. Acesso em: 17 agosto de 2024.

ANEXOS

Imagem das anotações pessoas do caderno de notas de campo



U Ambiente Familiar

- * Mainho = mãezinha
- * Paíno = paizinho
- * Bê = Bebé
- * Boca de caira = fogo ^{coza}
- * dicoimen = comida
- * pronta = planta
- * Mõe zira = avô
- * Mõe Colinho = avô
- * Liinho = Minho filhinho
- * curo = volume de medida

ESCOLA DE GOVERNO de Angola

U Ritual

- * too = barro
- * boma = certo
- * oio = boba
- * Coité = maracá
- * Campio = cachimbo
- * croá = matéria prima das roupa
- * Contação = erro da dança
- * sole de tati = instrumento musical
- * tore = cantos

ESCOLA DE GOVERNO de Angola

U Pintura = feio

- * fuleiro = ^{qualidade} ~~qualidade~~ ^{coisa} ~~coisa~~ ^{verenhira} ~~verenhira~~
- * chumbego = charrango
- * azurizado = com raiz
- * virado = raiz
- * ponche = ruco
- * amanculado = moço nem coito
- * Pindurega = acitório
- * rubecão = loias do 2
- * avecame = pruta
- * xexar = limpar feijão

ESCOLA DE GOVERNO de Angola

U xarenga = briga

- * oxênte = espurrado
- * tabaco = pó ^{seco} ~~seco~~ com fumo para inalar e espirrar
- * comeco = copo de ora minino
- * oriado = ^{suja} ~~suja~~

- * Caba = de cabra macho
- * Mos paí too = antigamente
- * lúgro firino = feneçora
- * anochique = de achiço
- * atracado = ^{pancada} ~~pancada~~

ESCOLA DE GOVERNO de Angola

- * foto = buço, de animais
- * cicho = ^{uma} número oito
- * serenha = foto engraçada
- * peteca

Magote: muita gente

atrocidade:

espilicudo:

U Rua

- * Merma = minha irmã
- * Ai dento = expressão
- * conjeito = bala
- * Percata = Mandália
- * Pais = sem valor
- * Yava = foto grande
- * Calunga = boneca
- * Cacabe = propício
- * Inguerejar = cobijas
- * Pelota = pirulito
- * Bibi = chupeta de bebê
- * Pariconta = abreviação

Anotações de registro de informações de realização das entrevistas.

D S T Q Q S S
D E M M J J V S

Entrevista Para o TCC

terça-feira, 25/06/2024, 16:00h

Nome: [REDACTED]
 idade: 39 anos
 onde nasceu e viveu: Paricomba
 onde mora: mora em Paricomba desde os 20 anos
 Profissão: Professora
 pós graduada em Psicopedagogia e língua portuguesa e

quarta-feira, 26/06/2024 17:00 h.

Nome: [REDACTED]
 Idade: 44 anos
 Nasceu: e cresceu em Paricomba
 Está estudando: o fundamental 2 no modelo EJA.

terça-feira 02/07/2024 17:30 h

Nome: [REDACTED]
 idade: 65
 Nasceu: e cresceu em Paricomba
 Estudou: até 3ª série de antigamente

Jandaia

D S T Q Q S S
D I M M J V S

Quinta-feira 18/07/24

Nome:

idade: 24 anos

Nasceu e cresceu em Paricó

Profissão: graduando Pedagogia

Assinatura do TCLE pelas entrevistadas.

3

Declaração de Consentimento do Participante Entrevistado

Eu,

Maria de Fátima de Barros

declaro que fui informado(a) sobre os objetivos, procedimentos, benefícios e riscos da pesquisa. Compreendi as informações fornecidas e concordo em participar voluntariamente da pesquisa. Autorizo a gravação das entrevistas, captura de imagens/fotografias e a utilização dos dados coletados para fins acadêmicos, conforme descrito neste documento.

Maria de Fátima de Barros**Assinatura do/a Participante****Testemunha (se aplicável):****Assinatura da Testemunha**

Declaro que obtive, de forma apropriada e voluntária, o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante ou seu representante legal para a participação neste estudo.

Elma Patrícia Lima

Elma Patrícia Lima

Pesquisadora e/ou quem aplicou o TCLE

John Hélio Porangaba de Oliveira

Prof. Dr. John Hélio Porangaba de Oliveira

Orientador da pesquisadora e/ou quem aplicou o TCLE

Alagoas 25 de junho de 2024.

Este documento foi elaborado em conformidade com o Código de Ética Científica, garantindo o respeito aos direitos e à dignidade dos participantes da pesquisa.

Declaração de Consentimento do Participante Entrevistado

Eu, Sandrea Cavalcante de Oliveira,
declaro que fui informado(a) sobre os objetivos, procedimentos, benefícios e riscos da pesquisa.
Compreendi as informações fornecidas e concordo em participar voluntariamente da pesquisa.
Autorizo a gravação das entrevistas, captura de imagens/fotografias e a utilização dos dados
coletados para fins acadêmicos, conforme descrito neste documento.

Sandrea Cavalcante de Oliveira

Assinatura do/a Participante

Testemunha (se aplicável):

Assinatura da Testemunha

Declaro que obtive, de forma apropriada e voluntária, o Consentimento Livre e Esclarecido
deste participante ou seu representante legal para a participação neste estudo.

Elma Patrícia Lima

Elma Patrícia Lima

Pesquisadora e/ou quem aplicou o TCLE

John Hélio Porangaba de Oliveira

Prof. Dr. John Hélio Porangaba de Oliveira

Orientador da pesquisadora e/ou quem aplicou o TCLE

Alagoas 26 de junho de 2024

Este documento foi elaborado em conformidade com o Código de Ética Científica,
garantindo o respeito aos direitos e à dignidade dos participantes da pesquisa.

Declaração de Consentimento do Participante Entrevistado

Eu, Maria Vanessa Franca Souza,

declaro que fui informado(a) sobre os objetivos, procedimentos, benefícios e riscos da pesquisa. Compreendi as informações fornecidas e concordo em participar voluntariamente da pesquisa. Autorizo a gravação das entrevistas, captura de imagens/fotografias e a utilização dos dados coletados para fins acadêmicos, conforme descrito neste documento.

Maria Vanessa Franca Souza

Assinatura do/a Participante

Testemunha (se aplicável):

Assinatura da Testemunha

Declaro que obtive, de forma apropriada e voluntária, o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante ou seu representante legal para a participação neste estudo.

Elma Patrícia Lima

Elma Patrícia Lima

Pesquisadora e/ou quem aplicou o TCLE

John Hélio Porangaba de Oliveira

Prof. Dr. John Hélio Porangaba de Oliveira

Orientador da pesquisadora e/ou quem aplicou o TCLE

Alagoas, 18 de Julho de 2024

Este documento foi elaborado em conformidade com o Código de Ética Científica, garantindo o respeito aos direitos e à dignidade dos participantes da pesquisa.

Declaração de Consentimento do Participante Entrevistado

Eu, Maria Alzira do nascimento,
 declaro que fui informado(a) sobre os objetivos, procedimentos, benefícios e riscos da pesquisa.
 Compreendi as informações fornecidas e concordo em participar voluntariamente da pesquisa.
 Autorizo a gravação das entrevistas, captura de imagens/fotografias e a utilização dos dados
 coletados para fins acadêmicos, conforme descrito neste documento.

maria alzira do nascimento roza

Assinatura do/a Participante

Testemunha (se aplicável):

maria alzira do nascimento roza

Assinatura da Testemunha

Declaro que obtive, de forma apropriada e voluntária, o Consentimento Livre e Esclarecido
 deste participante ou seu representante legal para a participação neste estudo.

 Elma Patrícia Lima

Pesquisadora e/ou quem aplicou o TCLE

John Hélio Porangaba de Oliveira

Prof. Dr. John Hélio Porangaba de Oliveira

Orientador da pesquisadora e/ou quem aplicou o TCLE

Alagoas, 02 de Julho de 2024

Este documento foi elaborado em conformidade com o Código de Ética Científica,
 garantindo o respeito aos direitos e à dignidade dos participantes da pesquisa.

Link dos áudios das entrevistas.

As entrevistas gravadas são restritas à pesquisadora e ao orientador, não podendo ser compartilhado por motivo de confidencialidade. Para possíveis necessidades institucionais, sob a responsabilidade de sigilo, podem ser solicitadas para verificação de dados.